

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

RAMOS, Célio. *Célio Ramos (depoimento, 1989)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FUNDAÇÃO CSN, 1999. 49 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

CÉLIO RAMOS
(depoimento, 1989)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cinthia Monteiro de Araujo

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 10/02/1989

duração: 1h 50min

fitas cassete: 02

páginas: 49

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getulio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

A escolha do entrevistado se justificou pelo fato de ter trabalhado no escritório central da CSN e, à época da entrevista, trabalhar na Associação dos Aposentados de Volta Redonda.

A parte final desta entrevista foi gravada simultaneamente em vídeo.

temas: Companhia Siderúrgica Nacional, Célio Ramos, Indústria Siderúrgica, Volta Redonda

Sumário

Origens familiares; primeiros estudos; ida para o Rio de Janeiro em 1936: as primeiras atividades e o emprego na Escola do Estado-Maior do Exército; opinião do entrevistado sobre as ditaduras militares; ida para Volta Redonda em 1943: a prova de admissão para o emprego na CSN, o emprego numa firma que prestava serviço para a companhia, o salário e os benefícios oferecidos pela CSN; rápidos comentários sobre o casamento do entrevistado; as casas que o entrevistado recebeu da empresa; a família; lazer do entrevistado em Volta Redonda; observações sobre a assistência médica oferecida pela CSN; relato de um grave acidente ocorrido na companhia; breve referência ao curso de taquigrafia feito pelo entrevistado; trabalho no escritório central: o horário de trabalho, a dedicação do entrevistado; comentários sobre o desempenho do engenheiro Mário Lima Porto na superintendência de material; a aprendizagem por meio do trabalho na Siderúrgica; o papel dos americanos na construção da CSN: a importância do engenheiro Kord, a dedicação dos engenheiros, a contribuição para a formação dos operários brasileiros; descrição do incêndio ocorrido no escritório central na década de 1950; impressões sobre Getúlio Vargas e a reação da cidade diante de sua morte; críticas às interferências políticas no preenchimento de cargos na CSN; breve perfil de Edmundo de Macedo Soares e Silva; discussão sobre a sucessão de presidentes e diretores da companhia; a decisão do entrevistado pela aposentadoria; outras experiências profissionais; a participação na Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda; observações sobre a mudança do escritório central; a atuação do sindicato dos metalúrgicos em Volta Redonda; outros comentários sobre a assistência médica oferecida pela CSN; breve menção ao trabalho feminino no escritório central; considerações sobre a emancipação política de Volta Redonda; o desenvolvimento do comércio, dos serviços de transporte e da rede de ensino em Volta Redonda; avaliação da importância da CSN para a vida particular do entrevistado e para o Brasil.

Entrevista: 10/12/1998

I.F.- Dr. Célio, nós estamos aqui fazendo um trabalho para saber a história do início da CSN e de Volta Redonda. Vi que o senhor nasceu em 1915. O senhor poderia confirmar seu nome completo e a data do seu nascimento?

C.R.- Célio Ramos, 4 de janeiro de 1915.

I.F.- O senhor nasceu onde?

C.R.- Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo.

I.F.- No Espírito Santo. Conheci muito a sua cidade, muito bonitinha. E o senhor veio para cá em que ano?

C.R.- Em 1943 eu vim para Volta Redonda, trabalhei em uma firma, que eu não conhecia a Siderúrgica e nem ninguém conhecia naquela época — ela estava iniciando mas não se conhecia. Em 44, com quase um ano na firma, me fichiei na Companhia Siderúrgica mediante concurso.

I.F.- Que firma era essa? Era aqui em Volta Redonda?

C.R.- Era uma firma que desapareceu na época, não sei mais nem o nome.

I.F.- Mas era aqui em Volta Redonda?

C.R.- Dentro do terreno da Siderúrgica. A Siderúrgica contratava essas firmas, elas vinham, juridicamente nem existiam, pegavam aqueles serviços de, por exemplo, mão-de-obra de pedreiro, esse negócio todo, e iam embora, sumiam, acabavam, não fichavam... Como eu vi que a firma não dava nenhum futuro, eu me fichiei na Companhia Siderúrgica, e uma das coisas que eu visei... Eu não conhecia a Siderúrgica, mas quando eu fiquei nessa firma, eu apurava que nós não tínhamos refeição... Nós comíamos em uma pensão do lado e eu verificava que, do lado, através da linha férrea, tinha umas pessoas que às 11 horas em ponto entravam naquela fila, filas enormes. Aí comecei a saber o que era aquilo. Era almoço e janta, que era da Siderúrgica. Então comecei a verificar, fiz concurso e entrei para a Siderúrgica em dezembro de 44.

I.F.- Mas o senhor ficou morando em Cachoeiro até vir para cá?

C.R.- Não.

I.F.- Ah, então conta o comecinho da sua vida.

V.A.- Como era o nome de seu pai e o de sua mãe?

C.R.- Edmundo Ramos e Donatila Ramos

V.A.- E o seu pai fazia o que em Cachoeiro?

C.R.- Meu pai... Era uma família muito grande, nós possuíamos um bar que ele fundou lá em Cachoeiro, um bar chamado Bar Vitória. Mas depois o negócio foi degradingolando e a família, muito grande, cada qual foi para um lado.

V.A.- Quantos irmãos o senhor teve?

C.R.- Onze irmãos.

V.A.- Onze irmãos, com o senhor 12?

C.R.- Comigo 12.

V.A.- Nossa!

C.R.- Desses 12 já morreram dez; ficaram vivos eu e minha irmã gêmea, Célia. Então é Célio e Célia — estão vivos.

V.A.- A sua irmã ainda está viva?

C.R.- Está viva, graças a Deus.

V.A.- E ela mora aonde?

C.R.- Ela mora em Niterói.

I.C.- Mas o senhor estudou lá, começou os estudos lá em Cachoeiro?

C.R.- Estudei em Cachoeiro, fiz até o terceiro ano da faculdade em Vitória. Depois a vida foi ficando muito difícil para mim, eu não tinha condição. Hoje não se compreende como é que a pessoa não faz faculdade. antigamente era muito difícil.

I.F.- Faculdade de quê o senhor estava fazendo?

C.R.- Naquele tempo se dava o nome de filosofia. Eu queria era letras, português é a minha vocação mesmo. E em Vitória fiquei alguns anos e vim parar no Rio de Janeiro.

V.A.- Como o senhor veio para o Rio, por quê? Assim de que jeito o senhor chegou no Rio?

I.F.- De trem? De quê?

C.R.- Não havia rodoviária, não. Era trem mesmo. Cheguei no Rio de Janeiro porque o progresso... O Rio de Janeiro era uma atração para todos...

V.A.- E foi quando, em que ano, o senhor se lembra?

C.R.- Mil novecentos...

V.A.- O senhor tinha que idade?

C.R.- Quinze anos, 16 anos, 1938... 1936 fui para o Rio.

I.F.- Tinha família lá no Rio?

C.R.- Tinha parentes.

I.F.- Mas veio sozinho, por sua conta.

C.R.- Fui sozinho.

V.A.- Mas isso depois de o senhor ter feito um pouquinho de faculdade em Vitória?

C.R.- Fiz um pouquinho em Vitória, fiz no Rio de Janeiro, na... Esqueci o nome... na Artes e Ofícios.

V.A.- No Liceu de Artes e Ofícios?

C.R.- É. Aí parei, porque não dava mais condição no Rio.

V.A.- E no Rio o senhor foi para a casa de quem?

C.R.- Não, nunca morei com a família, morei sempre em... Nós dávamos o nome de pensão. Existia muita pensão, é nisso que eu morava.

V.A.- E o senhor conhecia alguém no Rio, para poder ir para o Rio, ou foi assim sem conhecer ninguém?

C.R.- Não, fui sem conhecer ninguém, foi assim. Eu tinha algum conhecimento, porque é de... Tinha esperança de que, com o meu português, naquela época, eu pudesse ser professor. E tinha princípio de farmácia, manipulação, esse negócio todo. A primeira coisa que eu fiz no Rio de Janeiro foi arranjar emprego em uma farmácia que fica na praça Cruz Vermelha, onde tem aquele... Lá eu trabalhei alguns anos até que fiz concurso para... Eu já tinha feito o Exército no Rio. A essa altura fiz o Exército no Rio de Janeiro, vou dar o nome do regimento: 1º Regimento de Cavalaria Divisionária. Aí há um detalhe: eu nunca havia montado cavalo. Eu fui servir na cavalaria e me saí bem: era primeiro cabo e saí com diploma de terceiro-sargento. Quer dizer, não sou um terceiro-sargento, seria se eu voltasse para o Exército. E dali... Bom, eu tomei muito conhecimento no Rio de Janeiro, conheci todos os lados, não saí mais do Rio, fiquei trabalhando lá até que...

V.A.- Na farmácia, o senhor ficou trabalhando...?

C.R.- Na farmácia. Aí fiz concurso para as... Naquele tempo... Tenho que me lembrar, porque a gente esquece mesmo.

V.A.- Claro.

C.R.- Naquele tempo existia uma coisa muito boa no Brasil que se chamava DASP, Departamento Administrativo do Serviço Público. Então o DASP parece que cobrava uns cruzeirozinhos lá, para a pessoa se inscrever... quem quisesse. E todo o dia tinha as propostas de emprego, concurso de auxiliar de escritório, administrativo, advogado, para o Brasil inteiro na parte do serviço público, e eu me inscrevi em todos eles. Passei na maioria deles. Eu gostei foi de trabalhar na Escola do Estado-Maior do Exército, porque lá era serviço burocrata, então eu fui lá para a Escola. Na Escola do Estado-Maior do Exército eu fiquei até vir para Volta Redonda.

I.F.- Então teve contato com muito militar também.

C.R.- Muito, muito. Hoje mesmo eu comentei... Cordeiro de Farias, eu ia perguntar se a senhora é parente?

I.F.- Sou nora dele. O senhor conheceu ele?

C.R.- Eu conheci, porque ele foi fazer, ele tirou... Quando eu estava entrando para a Escola ele já estava terminando o Estado-Maior, o curso de Estado Maior. Eu me apaixonei pela Escola porque ela pegava a elite do Exército, só gente mesmo de muito bom gabarito, e formava esses homens que seriam os únicos que poderiam comandar o Exército. Em frente a ela temos a Escola Técnica do Exército, que também é de elite, mas para técnico.

I.F.- Para técnico, engenheiro...

C.R.- Mas, mesmo formado — como o caso de Cordeiro de Farias, na mesma hierarquia — na Escola Técnica, ele não poderia ter comando de Exército; só quem tem Escola do Estado-Maior do Exército. Isso no meu tempo. Então conheci muita gente... Eu gostava muito de lá.

V.A.- E o senhor fazia o que lá?

C.R.- Era auxiliar de escritório, encarregado dos boletins — se dava o nome de boletim escolar; eu era o chefe de boletim escolar. Era um boletim diário, uma correria tremenda.

I.F.- O senhor já pegou lá o mundo em guerra.

C.R.- Peguei.

I.F.- E estava em contato com os militares da Escola do Estado-Maior. Isso repercutia, o senhor via movimento, o pensamento do pessoal sobre a guerra?

C.R.- Como era a parte mais burocrático, como aqui também, eles não comentavam. A gente tinha aquela pressão da guerra, mas não senti nada de mais. Na Escola de Estado-Maior, também. Isso me faz hoje desmentir certas pessoas que falam... Vamos dizer, Chico Buarque, Fernando Henrique e outras grandes pessoas que tem aí, que considero demais, em dizer que sofreram na época da ditadura. Eu francamente... Eu vi esse

pessoal que às vezes ia na Escola de Estado-Maior, a maior camaradagem possível... E hoje, 30 anos depois, 40 anos depois, alegam que sofreram, que foram pressionados.

V.A.- Mas eram outros tempos, não é?

C.R.- Alguns foram embora, foram embora por estratégia no futuro, porque havia mesmo ditadura, aquele negócio todo. Quer dizer, ditadura sempre houve, prejudicou muita gente, mas o que eu quero dizer é o seguinte: que não havia essas mortes que falam aí como tem o Pinochet por exemplo, não tinha nada disso.

I.F.- O senhor está querendo nos dizer que a ditadura de Vargas foi diferente da ditadura do pós-64?

V.A.- Porque é o seguinte: o senhor...

C.R.- Quero dizer que na ditadura não houve... Havia, sim, certos empecilhos para a vida brasileira, mas que essas pessoas que hoje falam que sofreram muito, quero dizer que não sofreram, foi uma ditadura muito camarada. Então houve deslizos, mas era ditadura camarada.

V.A.- Mas é porque o senhor conheceu também na época de 43, 40, trinta e poucos.

C.R.- 40.

V.A.- É diferente de depois. Porque depois de 1964 aí mudou bastante, não é? Já não eram mais as mesmas pessoas, então mudou bastante.

C.R.- Eu só quero me referir... Eu só acho que nesse tempo até hoje nunca houve essa perseguição que essas pessoas falam, que dizem que houve, que sofreram, esse negócio todo. Eu acho que eles foram mais por uma estratégia de futuro, acho que foi uma ditadura muito suave. Por exemplo: não é uma ditadura como Fujimori que o pau comeu mesmo, Pinochet, esses outros. No Brasil não tinha essa perseguição tão tremenda como eles falam hoje, só quero dizer isso, entendeu? Mas que houve, houve, prejudicou muita gente, como também sumiu muita gente.

V.A.- Então, o senhor trabalhava na...

C.R.- Na Escola de Estado-Maior.

V.A.- Ficou lá até quando?

C.R.- Fiquei até 1943, quando um colega meu tinha vindo a Volta Redonda, queria também sair para vencer na vida, e ele falou: "Célio, eu estive lá em Volta Redonda, mas lá só tem índio, arigó. Você não está com vontade de ir para lá? Não cai na asneira de ir para lá, não." Perdi alguns meses, seis, oito meses sem vir para cá. Aqui era uma coisa horrível na voz das pessoas, igual à ditadura que eu estou dizendo. Então fiquei e perdi essa chance de vir para Volta Redonda. Um dia cismeí, vim para Volta Redonda, trabalhei em uma firma aqui e fiquei aqui, não saí mais. Aqui eu morava em uma casa

na rua 5, tinha uma casa aqui. Mais tarde fui fichado na companhia, fiz concurso aqui, fui fichado. Isso em 44.

V.A.- Como era esse concurso, sr. Célio? O que o senhor fazia?

C.R.- Tudo: português, matemática, história e — era exigência daquele tempo — datilografia. Se não fosse datilógrafo, não era para o serviço para o qual eu pretendia. Eu queria ser secretário na companhia, tentar ser secretário, porque eu sabia que eu tinha condição, então eu fiz concurso para isso. Então a parte de datilografia era muito exigente.

V.A.- E era aqui mesmo, dentro da usina?

C.R.- Lá dentro mesmo. Cheguei lá.

V.A.- Quem é que fazia a supervisão?

C.R.- As pessoas já morreram, mas um não sei se está vivo ainda. O chefe era o capitão Magalhães, chefe dos serviços gerais, muito exigente, muito exigente mesmo. E quem fazia... como é que chama isso?

V.A.- Supervisão?

C.R.- Supervisão, era um cidadão de nome Bainha.

V.A.- Bainha?

C.R.- Bainha. E eu fui, fiz prova com mais três pessoas. Chegava e fazia a prova. Fiz a prova e fiquei muito satisfeito porque, terminada a prova, a pessoa tirou o papel da máquina, levou lá. Português, matemática, história, aquela coisinha simples. Aí o Bainha levantou e falou assim: “Esse serve, esse serve.” E me pegou pelo braço e me levou em um senhor lá que se chamava Carlos de Sousa Pereira. Naquele tempo era assistente administrativo, AA, o nome. Carlos de Sousa Pereira era o segundo homem depois do diretor industrial. Então Carlos de Sousa Pereira precisava de uma pessoa que tivesse condição de trabalhar para ele e eu entrei, comecei a me dar bem com ele lá e fui secretário dele.

I.F.- Agora me conte uma coisa: o senhor veio do Rio para cá de trem?

C.R.- Vim de trem.

I.F.- Já com o emprego garantido naquela empresa?

C.R.- Não senhora. Não, não.

I.F.- Não? O senhor veio sem nada?

C.R.- Sem nada.

I.F.- Aí encontrou esse emprego na empresa?

C.R.- É, nessa empresa, trabalhei aqui. Porque naquele tempo não precisava ter essa preocupação, não senhora: onde a senhora fosse tinha serviço. Tinha milhares de empresas pegando a gente na estação ferroviária para a gente ir trabalhar para eles. Perguntavam: “Você sabe?” Porque muitas pessoas não falavam, eram analfabetas, nós estávamos cercados de pessoas completamente analfabetas — pessoas que a companhia mandava caminhões buscar em Minas Gerais, Espírito Santo... Vinham pessoas brancas mesmo. Então uma pessoa que tivesse um pouquinho de conhecimento eles pegavam como se fosse um craque de futebol, entendeu?

I.F.- Vocês chegavam no trem e já tinha um monte de gente procurando?

C.R.- É. E eu fui nessa firma.

V.A.- E o senhor fazia o que nessa firma?

C.R.- Eu fui ser gerente geral! Troço pra burro. [risos] Mas a firma não pagava, eu ainda não conhecia o dono e tinha umas coisas brutas para fazer. Eu era datilógrafo, era secretário, tinha que tomar conta, ver negócio de saco de cimento, aquele negócio todo. Era uma firma que fornecia para a companhia ali dentro, a parte interior.

V.A.- Fornecia material?

C.R.- Por exemplo: a companhia precisava de determinado equipamento, precisava de óleo, um tipo de óleo que eu não sei assim... Então ela mandava, vinha um caminhão e apanhava aquele óleo; a gente tinha que anotar a saída, aquele negócio todo. Como eu via aquele escritório lá em baixo... Porque o meu era no alto, do lado de cá da estrada de ferro; do lado de lá era o escritório central, tomava conta de... O escritório central ia como daqui... Era muito grande o escritório central. Então eu via aquele negócio todo e aí me entusiasmei, aí deixei aquilo de lado, não voltei mais e fui trabalhar na companhia.

I.F.- E essa casa em que o senhor morava, era alugada, a firma que dava, como é que era?

C.R.- Nada disso, era alugada.

I.F.- Vocês pagavam.

C.R.- É, pagava.

I.F.- Morava sozinho lá ou com outras pessoas?

C.R.- Nós tínhamos... O meu quarto era de quatro pessoas, morava assim. Que não existe mais hoje, foi tudo derrubado, era da Siderúrgica, ela nos emprestava.

I.F.- E aí depois o senhor foi para a Siderúrgica e continuou morando lá?

C.R.- Não, aí não podia mais. Então eu fiz concurso para a companhia, na mesma hora o Baima me levou ao seu Carlos de Sousa Pereira, o seu Carlos de Sousa Pereira gostou do que leu de mim e mandou eu me fichar. Há um detalhe aí que eu era muito honesto, muito bobo. Quando eu passei no corredor— o escritório central é grande — então eu

encontrei várias pessoas que perguntavam: “Você fez concurso?” “Fiz.” “Vai ser fichado?” “Acho que vou.” “Quanto é que você pediu?” “Eu acho que vou pedir 800.” Não sei se 800 trilhões de cruzeiros ou 800 cruzeiros, um negócio assim — o cruzeiro é tão sem valor! Aí diziam: “Rapaz, que 800?! Pede 1.200, 1.200 a 1.500.” Mas eu ganhava 400... Não, eu ganhava na Escola do Estado-Maior 700 não sei o quê — não sei se era cruzeiro ou se era... Estava satisfeito — solteiro, não é? Setecentos ali para... Como é que eu ia pedir 1.200! Não tinha cara para isso! Mas fui muito bobo, porque realmente ela dava 1.200 se eu pedisse. Aí comecei com 1.000 — deve ser 1.000 cruzeiros — comecei com 1.000 cruzeiros satisfeito da vida. Aí, pronto: restaurante, muito bom o restaurante... A companhia sempre forneceu boas comidas: almoço, janta e...

I.F. – E quarto?

C.R.- Ela não tinha, não tinha quarto. Porque a minha paixão era morar na Vila, onde ela tinha casa de solteiros — onde é a rua 33 era cheio de casas de solteiros.

V.A.- Os hotéis, não é?

C.R.- Hotéis não existiam ainda.

V.A.- Ah não?

C.R.- Não. Os hotéis...

I.F.- Eram as casas de solteiros?

C.R.- Casas. Depois ela fez hotéis, aí também para solteiros — casado não morava lá. Então ela me deu um acampamento lá, um acampamento que se chama acampamento central, um bom alojamento em que eu morei, fiquei lá.

V.A.- Onde era isso?

C.R.- Eu não sei o nome, não. Onde é aquilo, meu Deus do céu? Onde era a usina, na usina, naquela parte de baixo, era a usina siderúrgica mesmo; na entrada da usina hoje, lá que era.

I.F.- E era de madeira?

C.R.- Todo de madeira. Tudo, tudo de madeira. Lá tinha a subsistência, tinha o departamento de transportes.

I.F.- Subsistência vendia o quê?

C.R.- Não vendia nada, ela fornecia para a companhia.

I.F.- Pois é, mas o quê?

C.R.- Tudo: comida, tudo, tudo.

I.F.- Roupas também, tudo?

C.R.- Não, só coisa de mantimentos.

I.F.- Mantimentos. No Exército também tinha subsistência muito boa antigamente, não é?

C.R.- É, mas não aqui.

I.F.- Não aqui, é.

C.R.- O Exército sempre foi fora daqui. Então a companhia fornecia tudo para nós.

V.A.- E o senhor podia pegar lá a comida? À vontade?

C.R.- Não, almoçava... A companhia fornecia vales; fornecia vales, nós almoçávamos em qualquer restaurante que quiséssemos, entendeu?

V.A.- Tinha muitos restaurantes da companhia?

C.R.- Não, ela sempre dividiu os restaurantes por categoria.

V.A.- Sei. Como era?

C.R.- O restaurante principal, onde moravam aquelas pessoas de melhor gabarito: engenheiros, médicos, e nós, a classe de auxiliares de escritório, que era a classe alta, de auxiliar de escritório. E tinha os outros, por exemplo... Esse se chamava RA.

V.A.- RA, quer dizer o quê?

C.R.- Restaurante... deve ser Restaurante Administrativo; o outro, o RU eu sei: RU era Restaurante da Usina, então todo mundo da usina ia lá.

V.A.- E o senhor comia no RA.

C.R.- No RA.

V.A.- Junto com os engenheiros...

C.R.- Engenheiros, médicos etc. Era um prédio enorme e aquele restaurante era só para eles e a outra parte era só para nós. Um tratamento muito bom.

I.F.- Agora me conte uma coisa: se o senhor passou a ganhar mais do que ganhava no Rio, tinha moradia e tinha o vale, dava para juntar um dinheirinho todo o mês?

C.R.- Eu sempre fui muito pobre. Dava, dava...

I.F.- O senhor gastava em que? Se não gastava em comida, se não gastava em casa e tinha assistência médica, gastava em quê?

C.R.- É isso mesmo e tem mais ainda: nunca fumei na minha vida, nunca bebi na minha vida, não jogava... De maneira que eu economizava. Mas já nessa época, aquele vírus de casamento... [risos] Coisa boa... pensei em casamento, então comecei a juntar para poder casar.

V.A.- E o senhor conheceu a sua esposa onde?

C.R.- Dançando. Nós dançávamos, eu dançava bem. Dançando no Rio de Janeiro.

V.A.- No Rio ainda? Antes de vir para...

C.R.- Ela é carioca. No período em que eu estava na Escola de Estado-Maior do Exército, então lá conheci...

V.A.- O senhor foi dançar onde? Na gafieira?

C.R.- Dancei em várias gafieiras, dancei em clube que nem existe mais. Tinha um tal de Clube Banda Portugal, ali na praça Onze, bom clube. Dancei em Ipanema, em um clube que eu nem conheço mais o nome. Às vezes eu ia dançar no Fluminense. Eu não era sócio mas eu tinha um amigo que era alto funcionário na Escola do Estado-Maior e me considerava muito, então fazia questão que eu fosse, me dava convite, e eu dançava lá também.

I.F.- E aí já estava namorando e pensando em casar?

C.R.- É, aí...

V.A.- O senhor veio para Volta Redonda já estava namorando a sua esposa.

C.R.- É, já para casar, mas não casei logo, não. Fiquei uns dois anos primeiro até ter condições de casar.

I.F.- E juntou um dinheirinho então.

C.R.- É. Então a Companhia Siderúrgica... Olha o critério que ela usava, pelo menos para mim ela usou: a gente tinha que se inscrever para ganhar casa, não adiantava querer ganhar casa, porque só com a inscrição direitinho lá. Então eu fui lá, o Bainha ainda era o chefe lá, falou: "Célio...". Não, foi o capitão Magalhães mesmo. O capitão Magalhães era efficientíssimo, era um camarada brabo mesmo, então era ele que fiscalizava essas coisas, um homem terrível. Ele, então, pegava a ficha da gente e falou: "Bom, você quer casa? Você é solteiro?" "Sou." "Então não pode ter casa. Muito bem, você vai casar quando?" Eu falei: "Mês tal." Ele falou assim: "No dia em que você se casar, você recebe um telegrama meu dizendo onde é que você ganhou casa. Você pode ficar certo. Se é por isso você pode casar que nesse dia você vai ganhar casa." Aí eu fiquei todo satisfeito, e realmente eu só fiquei sabendo da casa onde era quando me casei.

V.A.- No dia do casamento?

C.R.- É. Um controle formidável, a companhia...

I.F.- E a casa era boazinha?

C.R.- A casa boa, muito boa a casa. Só que eu morei no Conforto, que naquela ocasião não tinha nem calçada, esse negócio todo... Então eu morei no Conforto, anos mais tarde é que eu vim morar aqui na Vila.

V.A.- Essa casa que deram para o senhor, então, era no Conforto?

I.F.- No Conforto, logo no começo. Você não conhece Volta Redonda, não é?

V.A.- Não, mas eu já vi esse bairro Conforto.

C.R.- É, Conforto. Pois é no bairro Conforto, onde começa esse bairro Conforto, porque ele começa ali na rua... A senhora quando vai ao Rio passa naquele córrego para subir, ali se chama rua 209; o Conforto começa ali, dali vai lá para... Então naquele começo que eu tinha casa, ali naquela rua 4.

V.A.- E como era a casa do senhor? Quantos quartos tinha?

C.R.- Três quartos, sala, cozinha, um quintal muito bom.

I.F.- De alvenaria já.

C.R.- É, toda de alvenaria, casa muito boa. Como é que chama isso aqui?

V.A.- Forro, laje, não é isso?

C.R.- É, laje. Casa muito boa mesmo, davam uma casa muito boa. Era de acordo com a categoria que ela dava a casa.

I.F.- E a condução para ir para o trabalho?

C.R.- Eu tinha bicicleta. Mas ali era fácil, porque onde eu morava... A companhia não tinha alambrado ainda, era tudo aberto, de maneira que eu saía dali, onde é a rua 209, o escritório ficava do lado de lá. Então saía e atravessava a linha férrea e ia para o escritório a pé. Às vezes eu ia de bicicleta; passei a ir de bicicleta só

quando a companhia colocou alambrado, não podia mais passar. Só pude ter bicicleta na vida porque na época eu tirei uma na rifa. Eu não tinha dinheiro nem para comprar rifa... Eu já era casado, passei um aperto danado, aí comprei, tirei a bicicleta na rifa. Foi um colosso. E mais tarde tive uma filha, sempre fui predestinado [inaudível], sempre me mantive assim: só vou me casar acima dos 30 anos, se puder me casar. Só vou ter filhos se eu puder dar educação aos meus filhos superior a que eu tenho. Então me casei, tive filho seis anos depois.

V.A.- Quando nasceu a sua primeira filha?

C.R.- Mil novecentos... acho que foi 51. É, 1951.

V.A.- O senhor teve mais filhos?

C.R.- Não, não. Eu ia falar isso: enquanto eu tiver minha situação assim... Eu quero dar educação, curso superior para o meu filho, se eu não completei o meu... Então eu não posso ter mais filhos com o salário que eu tenho. Então, por isso eu casei mais tarde e tive uma filha. Dei tudo para ela! Um casamento espetacular, tem curso superior, se formou aqui em Volta Redonda, já foi na Estácio de Sá, fez outros cursos na Estácio de Sá.

V.A.- Ela é formada em quê?

C.R.- Virgem! Não sei não! Uma porção de coisas: português, inglês...

V.A.- Letras, não é?

C.R.- É, letras, e tem... Na Estácio de Sá fez vários cursos, até de dança. Ela que nunca havia dançado porque era casada, divorciou-se e se tornou hoje uma das boas bailarinas de Volta Redonda. Depois casou com um médico que trabalha na associação¹, dr. Jair, médico cardiologista, e ela faz muita coisa. Hoje trabalha como recepcionista em uma clínica no centro da cidade.

I.F.- Aqui em Volta Redonda?

C.R.- Aqui em Volta Redonda.

V.A.- O senhor tem netos?

C.R.- Tenho três netos. Eu tenho três netos e um bisneto, só tenho um.

V.A.- Nossa, muito bem.

C.R.- Mas da minha filha, porque eu não... Da minha parte, só uma mesmo, que foi ela.

I.F.- Agora me conte uma coisa: o senhor disse que não bebia, não jogava, não fumava, mas gostava muito de dançar. E onde é que o senhor dançava aqui, quando chegou em Volta Redonda?

C.R.- Não tinha condição quando eu cheguei em Volta Redonda. Quando solteiro dançava no Clube Municipal em Barra Mansa, tive que ser sócio lá: Municipal de Barra Mansa. Mas lá não havia estrada. Tinha a estrada de Volta Redonda até Barra Mansa, era estrada mais ou menos boa, mas quando chegava em Barra Mansa, lá tem um córrego e eram dois pontilhões e o ônibus passava naquele meio ali para chegar lá. Era coisa muito perigosa. Ficou anos assim, não tinha ponte, só muito mais tarde foi que Barra Mansa fez ponte. Então eu deixava de ir lá por causa disso: fazia medo. E aqui em Volta Redonda nós tínhamos um clube, se chamava Aero clube, que é lá do lado...

I.F.- Do outro lado do rio, não é?

¹ Refere-se à Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda.

C.R.- Lá do outro lado do rio Paraíba. Também era outro problema para a gente ir lá, porque era tipo aquela ponte pênsil; a gente ficava segurando para não cair no rio.

V.A.- E esse clube foi inaugurado quando?

C.R.- Esse é antigo, mais ou menos de mil novecentos e... É antigo, não sei não, entre...

V.A.- Quando o senhor chegou aqui já tinha?

C.R.- Acho que não tinha, não; não me lembro.

V.A.- Foi depois que o senhor chegou, não é?

C.R.- Deve ser 48, 50.

V.A.- Aí o senhor ia lá com sua esposa dançar?

C.R.- Aí eu virei sócio. Aí eu ia dançar, aí nós dançamos.

V.A.- O senhor casou em que ano?

C.R.- Em 1946.

I.F.- E o pessoal que gostava de beber e de jogar, tinha aqui o que fazer?

C.R.- Acho que tinha, mas eu não... Eu me casei e não saía de casa, até hoje eu não saio de casa.

I.F.- Não era um problema da Companhia Siderúrgica funcionários alcoólatras, funcionários que tinham que ser demitidos por mal comportamento?

C.R.- Bom, para a Companhia Siderúrgica Nacional... Nós até gostávamos muito porque ela tinha aqui uma polícia especial, nós chamávamos de... Ah, não sei o nome que se dava. Eles usavam um boné com uma fita vermelha, então eles liquiavam o assunto, liquiavam o assunto. Onde tinha tumulto eles iam lá, acabavam na hora, tinha um xadrez próprio... Então não havia esse problema em Volta Redonda, não, e com esses empregados assim a companhia era muito rigorosa: mandava para a rua mesmo. A companhia sempre primou pela disciplina e pelo dever cívico de cada um. Apesar de ser uma estatal, ela foi se desmilinguindo mesmo com o tempo. De estatal ela era empresa sensacional, mas estragou com a parte política — aí qualquer um podia ser presidente nosso aqui. Mas é essa parte civil. Eu casei, tive filha em Volta Redonda, ela mora em Volta Redonda, foi uma época interessante. A senhora imagina que em 1944... Sou de 43, mas vou me referir ao pessoal da Siderúrgica. Em 44, o único pobre era eu, os outros todos podiam... Tanto que nenhuma daquelas pessoas... Meus amigos ou colegas perguntavam: “Você vai onde?” “Ah, eu vou para o Rio, vou para São Paulo, vou para Belo Horizonte.” “Vai fazer o quê?” “Minha mulher vai dar a luz lá.” Nenhum desses meus colegas deixavam os filhos nascerem em Volta Redonda para não nascer arigó, era a maioria grande.

V.A.- Não deixar nascer arigó?

C.R.- É, nascido em Volta Redonda. E eu, não: vou fazer questão que minha filha nasça aqui porque eu estou me dando bem em Volta Redonda, foi aqui que fui mais feliz. Porque eu era o Célio Ramos. No Rio eu não existia. Aqui eu era Célio Ramos. Aí eu fiz questão que ela nascesse aqui e que ela dissesse com a cabeça erguida desde menina... Eu dizia: “Fala para todo mundo que você é de Volta Redonda graças a Deus.” Nós não éramos município, aqui era distrito. Era uma vergonha porque Barra Mansa não olhava aqui para nós. Mas eu sempre fiz questão que minha filha nascesse aqui.

V.A.- Ela nasceu em que hospital?

C.R.- No hospital da Companhia Siderúrgica Nacional.

I.F.- É esse Santa Cecília?

C.R.- É hoje Santa Cecília; antigamente era... Era outro nome.

I.F.- E quem era o médico que atendia aqui, o senhor lembra dele?

C.R.- Tem vários médicos, mas o nosso médico principal em tudo era o dr. Paulo Monteiro Mendes, que veio a ser mais tarde diretor da companhia — não sei se chegou a ser presidente. Era extraordinário esse Paulo Monteiro Mendes, realmente extraordinário.

I.F.- Ele ainda vive?

C.R.- Vive. Eu acho que ele foi até deputado. Dr. Paulo Monteiro Mendes.

I.F.- Não tinha o dr. Galotti também?

C.R.- Pois é, mas tinha uns 40 médicos, cada qual melhor, mas o que a gente usava era esse. Dr. Galotti especializou-se parece que em ortopedia, eu tenho a

impressão. Ih, eram muitos médicos bons aqui, Nossa Senhora! Na Companhia Siderúrgica, muitos. Mas o Paulo Mendes era quem nos atendia, a gente conhecia mais.

I.F.- Qual era a doença mais comum aqui naquela época? Dava malária, dava essas coisas assim?

C.R.- Ah, depois que... Podia dar até antes de 46 ,quando a companhia começou a cortar as coisas aqui para entrar. Mas depois que a companhia veio, não. Não teve, não. Ela tinha um departamento médico e sanitário muito rigoroso, então a companhia não deixou... Não lembro de ter grassado nada aqui em Volta Redonda que a companhia não tomasse providências imediatas.

I.F.- E acidentes durante a construção da usina ou durante o funcionamento? Tinha acidentes graves?

C.R.- Olha, acidente como está acontecendo hoje, em que a gente nota que o operário está sem uso de equipamento — aconteceu até recentemente um acidente feio aqui na Siderúrgica, em que o camarada foi achatado —, podia acontecer. Um acidente muito triste aqui em Volta Redonda foi de um equipamento que a companhia colocou perto da fundição — eu não sei o nome da máquina... Caiu o cabo da máquina, que estava parada com seis ou oito empregados. A Siderúrgica... Porque antigamente, quando ela começou, tinha só empregado, uma ou outra firma aqui, mas tudo empregado...

[FINAL DA FITA 1-A]

V.A.- O senhor estava falando do acidente por causa de um cabo que encostou...

C.R.- Que encostou em um fio de alta tensão e, na máquina, estavam seis ou oito operários, não sei precisar. Foi uma coisa muito triste em Volta Redonda, porque morreram quase todos.

V.A.- Eletrocutados?

C.R.- Eletrocutados. E o que escapou perdeu as orelhas e ficou todo defeituoso. Esse homem parece que vive ainda, ficou o tempo todo no hospital, a companhia tomou conta dele, aquele negócio todo. Foi uma coisa muito triste, foi tão triste que...

V.A.- Quando foi isso? O senhor se lembra? Mais ou menos...

C.R.- Também não sei precisar, não sei. Eu saí da companhia em 72; o que eu tinha anotado ficou lá, não sei. Mais ou menos em 70, ou...

V.A.- Foi mais recente, não é?

C.R.- É, mas foi antes de 70; não posso garantir, não.

V.A.- Mais ou menos.

C.R.- Não, bem antes: entre 50 e 60.

V.A.- Está bom. Eu queria saber mais ou menos.

C.R.- O caso que me impressionou muito — por que eu vou dizer: eu sou do escritório central, e lá não se sabe nada do que se passa na usina... Eu trabalhava no escritório central, lá o camarada não saía da sala, não ia nem tomar café. Eu trabalhava sábado por minha conta, trabalhava domingo, então eu sempre trabalhei muito. O caso me impressionou muito porque eu era, além de secretário, taquígrafo também, e eu era secretário de um superintendente, mas quando o diretor... As pessoas que mandavam em Volta Redonda naquela época eram o diretor industrial e o superintendente industrial — eram os dois que mais mandavam na usina, em Volta Redonda. Depois mais tarde... hoje nem se sabe.

V.A.- O presidente então não mandava?

C.R.- Não, não! Falei mal, o presidente mandava demais. Eu falo porque o presidente não morava aqui, ele vinha aqui em reuniões, aquele negócio todo, mas dentro de Volta Redonda, 24 horas por dia, eram esses daqui. O diretor era encontrado em qualquer hora que a senhora telefonasse e o superintendente em qualquer hora. O presidente estava nos Estados Unidos, estava no Rio de Janeiro... Dos presidentes só tenho a elogiar, não tem nada...

V.A.- Eu só queria saber...

C.R.- É. Então me impressionou porque eu era taquígrafo desse superintendente, mas, por eu ser um funcionário, modéstia à parte, excelente, porque eu era muito bom funcionário, trabalhava para burro... O diretor tinha seu secretário, ele e o presidente traziam secretário, pessoas de grande gabarito, mas nesse dia ele não veio. Aí o presidente me chamou, mandou me chamar lá para taquígrafar; ele queria fazer um memorando confidencial: eu taquígrafava o que ele ia falar e ele preparava esse memorando, que não era comigo, era com outra secretaria. Então eu fui lá, e nós estávamos lá na hora quando ele tomou — tenho a impressão que foi o Raulino — conhecimento do negócio, quando ficou a par da extensão... [emoção]

V.A.- É o quê, seu Célio... Teve algum problema sério, o acidente?

C.R.- Nós choramos...

V.A.- O que foi?

C.R.- Com a morte. É, com a morte de pessoas que eu tinha conhecido lá.

V.A.- Que morreram eletrocutadas?

C.R.- É. E o presidente chorou também.

V.A.- O Raulino, é?

C.R.- Tenho a impressão que foi o Raulino — eu passei por tantos presidentes... Mas ele chorou, foi muito triste para nós todos, e eu tinha amigos ali...

V.A.- O senhor estava tomando nota do acidente?

C.R.- Não, estava taquígrafando a reunião nossa lá.

I.F.- Quando veio a notícia.

C.R.- Quando veio a notícia. Aí foi uma choradeira danada.

V.A.- Todo mundo chorou?

C.R.- É. O presidente chorou também, mas eu porque tinha dois amigos ali e...

V.A.- O senhor tinha dois amigos que morreram nessa ocasião?

C.R.- Morreram. A gente tinha poucos amigos, poucos amigos. A cidade chegou a ter aqui umas 70 mil pessoas assim de uma hora para outra: de mil pessoas para 70 mil, 80 mil. Foi enchendo, inchou isso aí. Mas esse foi o lado triste com que eu sempre me emociono.

V.A.- Ah, sim.

C.R.- É. Eu queria só chamar a atenção pelo coração: o presidente, o próprio, ele mesmo chorou, sentiu. Tomou todas as providências que tinha que tomar, mas foi um caso muito triste, em Volta Redonda, a morte desse pessoal. E até hoje esse cidadão que não tem orelha... As orelhas são de plástica.

V.A.- O senhor falou que era taquígrafo. Onde o senhor aprendeu taquigrafia?

C.R.- Eu sempre visando a... Aprendi inglês também — não falava inglês —, até falava com as pessoas aí. Hoje eu não sei nada mais porque eu parei completamente, mas eu falava inglês com os americanos. Eu conversava porque a minha seção era ligada com os americanos. Mas eu aprendi inglês aqui em Volta Redonda. E eu sempre alerta isso; a gente fala assim: “*Good morning, how are you?*” Aí o brasileiro, em geral, que sabe inglês, qualquer brasileiro fala: “Ô, Célio, não é *good morning, how are you*. É *good mórning! How áre you?!*” E emenda aquelas coisas na gente, que a gente tem receio de falar inglês com brasileiro. E com o americano eu não tinha medo, porque se ele reparasse que eu estava errando, eu não entendia o que ele dizia também! Aí não tinha vergonha: falava uma porção de coisas assim, e eu sei que ele me entendia. Então eu falava e os americanos...

V.A – E a taquigrafia?

C.R. – Taquigrafia, nós tínhamos uma professora, a Áurea Bastos — era um nome... até já foi homenageada pela Câmara, pela Prefeitura, pessoa dedicadíssima. E ela fez um esforço para que eu... Eu estava estudando com ela, eu e outros colegas para taquigrafia... Porque antes a companhia não exigia taquígrafo, bastava ser secretário; depois fez essa exigência com dinheiro, pagando: a pessoa que fosse taquígrafo ganharia uma gratificação; inglês, outra gratificação. E ao estimular, nós começamos. Em vez de eu partir para o inglês, eu parti... Inglês eu não teria condição mesmo de passar na prova lá, então, taquigrafia eu estudei com ela. E ela fez muita força: me ensinava fora de hora, ia na minha casa — professora Áurea Bastos.

V.A.- E ela era funcionária da companhia?

C.R.- Ela era professora na escola, tenho a impressão que na Escola Técnica.

V.A.- Aqui na Escola Técnica?

C.R.- É, sempre foi continuação da CSN, e ela era a continuação da CSN. Essas coisas a gente nem lembra bem se era, porque tudo era CSN, tudo era Siderúrgica: “Você vai para tal lugar?” “Ah, vou para a Siderúrgica.” Barra Mansa, Siderúrgica... Então tudo era Siderúrgica. Mais tarde é que foram se separando: o hospital ficou separado... Ela era da CSN. Tenho a impressão que ela recebia pela CSN.

V.A.- E o senhor aprendeu taquigrafia com ela.

I.F.- E aí teve uma promoção?

C.R.- Aí tive promoção, e aí fiquei um bom taquígrafo na companhia, trabalhava muito.

I.F.- O senhor sempre trabalhou no escritório central?

C.R.- Sempre. Eu tive uma proposta para..., até cheguei a preencher para... Quando a companhia começou a colocar na usina os primeiros operadores, eles tinham que fazer prova no escritório central para entrar para a usina, e eu fiz, até passei, mas eu tinha muito... Eu durmo muito cedo, até hoje eu durmo cedo e acordo cedo, e eu tinha pavor de ficar a noite inteira acordado e é uma das coisas que não me deixou ir para a usina. Um engenheiro falava comigo: “Ah, Célio, você tem todo o direito de ganhar muito mais.” Mas o dinheiro não me animou, não, não fui para a usina por causa disso.

V.A.- Aí o senhor teria que fazer aqueles turnos?

C.R.- Turnos.

V.A.- Operador é o quê? Operar máquinas?

C.R.- É, operar máquinas. Lá pega várias categorias. Ele entra como operador, digamos, de máquina de transmissão, operador de laminação, mas automaticamente, se ele tiver condição, em pouco tempo... Ele passa dois três meses, já está em outra coisa e vai subindo como técnico naquele negócio todo. Todos os meus colegas que entraram, todos ganharam muito bem, são técnicos; eu, não: eu preferi ficar como auxiliar de escritório, fiquei como auxiliar de escritório, que é uma carreira que não trouxe nenhum...

I.F.- E qual era o seu horário de trabalho?

C.R.- O horário da Companhia Siderúrgica era de 7:15h a...

I.F.- Dentro do escritório central?

C.R.- Não, falava da Siderúrgica; depois vou falar o meu. Na Companhia Siderúrgica, o horário de trabalho era de 7:15h — era 7:00h mas davam 15 minutos de tolerância — até 17:00h. Esses 15 minutos de tolerância, me recordo — era interessante, como acontece em todas as repartições, eu acredito — que os colegas ficavam com o cartão assim para bater. Terminava às 7:15h a tolerância... Eles chegavam lá às 7:00h mas não batiam o cartão; quando era 7:15h que eles batiam, aproveitavam a tolerância. Eu era o contrário, então nunca entrei depois de 6:30h da manhã e nunca saí antes de 19:00h.

V.A.- Nunca entrou depois de 6:30h?

C.R.- Nunca entrei. É, nunca entrei depois de 6:30h.

V.A.- O senhor entrava às 6:30h?

C.R.- Entrava às 6:30h.

V.A.- Mas por quê? O senhor queria?

C.R.- Eu queria; por isso eu falei o horário da companhia.

V.A.- Ah, o horário da companhia no escritório central era 7:00h, mas o senhor, às 6:30h...

C.R.- Sete horas, com 15 minutos de tolerância.

V.A.- Mas o senhor às 6:00h já estava trabalhando?

C.R.- Sempre fui o primeiro a chegar na minha seção; nunca ninguém chegou... Tive vários chefes lá.

V.A.- E o senhor trabalhava sábado e domingo, que o senhor disse?

C.R.- Eu vinha muitas vezes sábado e domingo.

V.A.- Para quê? Fazia o quê?

C.R.- Eu vou dizer à senhora: trabalhei muitos anos na companhia e eu talvez tenha sido o único funcionário que exercia cargo de confiança cujo chefe ia embora... Era normal, era normal na empresa: mudou a chefia, o chefe traz o secretário de confiança dele e aquele secretário que era do outro ia embora, ficava sem função ou podia até ser aproveitado. Eu fui o único que permaneceu sempre como secretário. Eles vinham e não me tiravam. Nunca tive Q I, “quem indica”, nunca tive isso na minha vida, nunca tive melhoria de salário, mas era assim. Então por quê? Eu trabalhava, despachava processo e tudo, assinado pelo meu chefe, que eu não tinha essa condição. O chefe era assistente ou superintendente, então eu preparava tudo para ele. Chegavam de tarde dez, 15, 20 processos, e eu ficava. Enquanto não despachasse... Quem despachava era ele, eu punha os dizeres e ele assinava.

V.A.- O senhor datilografava?

C.R.- Datilografava direitinho, punha o que acontecia naquele processo e ele assinava. Quando ele não concordava ele não assinava, muito bem. Então, ele deixava 15, 20 processos... Chegava às cinco horas, assim, chegavam na nossa mesa lá. Eu recebia aquilo lá, sendo que no dia seguinte, quando a gente entrava, digamos que os meus chefes chegassem às sete e meia, devido aos serviços demais que eles tinham... Eles chegavam cedo também e encontravam tudo datilografado, tudo pronto, despachavam e ia para a frente. Era tudo assim. O último chefe que eu tive se chama engenheiro Aimé Barbosa da Silva — ele passou a ser o meu chefe porque era superintendente de material; Aimé Barbosa da Silva, um sujeito trabalhador. E ele tinha o secretário dele do departamento de compras, mas ele, não sei por quê, não me tirou, me aceitou como secretário dele. Sempre trabalhei para ele, é muito correto, não tenho nada a dizer dele, não, só que chegou na época de eu me aposentar... E eu sempre trabalhava: chegava na sexta-feira cheio de expediente, preparava tudinho para segunda-feira, chegava

segunda-feira ele só despachava. Aí ele tinha uma pessoa de que ele gostava como secretário, um rapaz muito distinto. Eu me aposentei e ele colocou esse rapaz no meu lugar. O rapaz ficou. Aí eu saí e o rapaz passou a ir lá em casa, uns dois meses indo lá em casa e eu não quis ir ajudar, falei: “Não sou mais da companhia rapaz.” Ele disse: “Célio, é o seguinte: o engenheiro Aimé me chama a atenção, eu não dou conta do processo, ele chega de manhã não tem nada lá, ele quer saber como é que você fazia.” E eu: “Não sei, rapaz, qual é o problema Alexandre?” É que eu tenho que fazer assim.” “A mesma coisa que você faz agora, Alexandre, eu fazia, é isso mesmo.” Não é isso, não: eu ia fora de hora, ele não ia; chegava às cinco horas batia o cartão e ia embora. Se bem que nós não batíamos cartão — cargo de confiança não se batia cartão. Ah, mas chegava 17:00h ia embora todo mundo. Eu nunca fui embora. Então eu sei que essa gerência do engenheiro Aimé teve que colocar mais três funcionários e o secretário.

V.A.- Nossa! O senhor então fazia o trabalho de quatro?

C.R.- É. Agora, depois disso ele foi também... Acabaram a seção. Aí a companhia começou a modificar uma porção de coisas, eu não sei mais. Acabou a gerência, acabou a superintendência, mudou tudo.

V.A.- E quais foram os seus chefes? O primeiro quem foi?

C.R.- O primeiro chefe...

V.A.- O senhor passou naquele concurso...

C.R.- É, que chamavam... Naquele tempo a sigla era AE. Nós tínhamos cinco siglas abaixo do diretor, eles que mandavam em Volta Redonda. Eu falo Volta Redonda é a CSN, porque Volta Redonda só começou a se desmembrar da CSN depois de um certo tempo, porque antigamente era só CSN, tudo aqui era CSN. Ia a Volta Redonda comprar um negócio, era por conta da CSN. Muito bem. Era AA, assistente de administrativo; AE, assistente de expediente; AO, assistente de operação — eles que mandavam depois do diretor, depois do presidente. E tinha outro A por aí. E eu fui ser AA, trabalhei em uma...

V.A.- Assistente administrativo.

C.R.- Depois a companhia extinguiu esse cargo e criou superintendente para várias coisas. O de material, que era o mais importante, também foi meu, engenheiro Mário Lima Porto. Esse foi um engenheiro de muita responsabilidade, bravo que é danado, mas, na companhia, foi um dos homens que conseguiu fazer com que a companhia não viesse a sofrer falta de material, de abastecimento aqui dentro. Por exemplo: minérios, todo tipo de minério, carvão importado... A companhia sempre usou carvão importado, dois tipos de carvão importado, porque o nosso carvão brasileiro não tem o teor que tem... Até hoje ela usa mas não tem esse teor que tem esse carvão importado da Polônia, dos Estados Unidos, da Rússia. Nós temos o carvão nacional, que vem de Santa Catarina, mas ele não tem o teor que os nossos fornos exigiam. Não sei se hoje se usa, os fornos hoje não são... Com informática não sei nem como são os fornos. E tinha que colocar esse material na usina, chegava todo o dia. Aí houve a guerra e os trens não passavam e não tinha condução rodoviária. Então essa função foi atribuída ao engenheiro Mário Lima Porto. É como ele era um homem muito bravo, bravo mesmo, e

eu trabalhava para o seu Carlos Sousa Pereira lá, eu era AE, tinha um medo danado desse homem, porque ele era conhecido: gritava muito, gritava, ele dava cada berro! Aí um dia o seu Carlos Pereira não tinha força para... e falou: “Célio, apresente-se ao engenheiro Lima Porto.” “Para quê, seu Carlos?” “Apresente-se que você vai ser secretário dele.” Ele tinha um secretário mas não gostou do secretário, não gostou. Não vou dizer o nome do secretário porque o secretário está vivo. Ele tinha um secretário, não gostou do secretário, e fui obrigado a trabalhar com o Mário Lima Porto. Eu tinha um medo dele danado. Cheguei lá, ele fez entrevista comigo, disse como é que ele queria, eu procurei me amoldar ao sistema dele. Ele era muito brabo mesmo, mas ele era um homem muito justo. Ele jamais gritava com uma pessoa que não estivesse errada, os erros dele não eram pessoais, ele se ofendia quando os erros eram contra a Companhia Siderúrgica. Ele ficava muito brabo. Não tinha engenheiro, não tinha nada que ele não gritasse, não berrasse. Pessoalmente não se envolvia com ninguém — esse é um mérito que ele sempre teve, todo mundo sabia disso. Então eu fui o encarregado. E todo mundo tinha pavor. Por exemplo, a estação, a Estrada de Ferro Central do Brasil: todos eram subordinados a ele — moralmente, porque ele não tinha nada que responder por lá. Ele telefonava para lá: “Quero o trem tal, você faça isso, faça aquilo.” E as pessoas... Se entregasse essa função a outro talvez a companhia viesse a sentir falta de material. Pois ele não deixou, conseguiu o tempo todo, tanto de Santa Catarina, como esses rodoviários. Era muito difícil chegar aqui, não havia estrada boa, mas a parte... Lima Porto, eu trabalhei com ele o tempo todo até ele ir embora.

I.F.- E nunca levou um grito dele?

C.R.- Ele dava uns berros lá, mas geralmente ele sabia aquele negócio todo, porque eu não tinha função assim para... Por exemplo: até como taquígrafo eu ia para a reunião, tinha reunião toda segunda-feira com todos os engenheiros responsáveis pelos departamentos deles. Nós tínhamos oito departamentos: transportes, ferroviários, almoxarifados... E ele não se metia nada com a oficina. Manutenção e operação não eram com ele, mas abastecimento era com ele — abastecimento, transporte fazia parte, ferroviário fazia parte, para trazer... Esses departamentos, não me recordo de todos, mas com eles nós tínhamos reunião toda segunda-feira, e eu era taquígrafo nessa reunião, pegava direitinho as atas lá. Mas era uma tristeza, porque ele berrava com o pessoal, Nossa Senhora! Tinha que levar tudo direitinho: muito exigente, as pesquisas, as estatísticas tinham que estar todas em dia, era muito rigoroso mesmo e funcionou. Graças a Deus a companhia conseguiu ultrapassar a época da guerra; quando terminou a guerra as estradas ficaram livres, mas a companhia deve isso a ele.

I.F.- Quer dizer, o senhor já trabalhava aqui e acompanhou toda a construção da usina.

C.R.- Toda a construção. A construção eu não tenho condição de dizer, porque eu trabalhava só nessa parte burocrática.

I.F.- Na parte burocrática, com material para construção...

C.R.- É.

I.F.- E o que o senhor sentiu quando de repente a usina começou a funcionar?

C.R.- A senhora vê pelo modo de eu falar, é o entusiasmo que até hoje nós temos. Nós passamos a amar a Siderúrgica.

I.F.- O senhor era aquela formiguinha do escritório mas que estava ajudando a construir aquela coisa grande, não é?

C.R.- É. Orgulho danado, e eu gostava até de escrever em jornal, falar sobre a Siderúrgica.

V.A.- O senhor escrevia?

C.R.- Escrevia, artiguinho vagabundo.

I.F.- Tinha jornal aqui em Volta Redonda?

C.R.- Tivemos alguns jornaizinhos e temos até bons jornalistas: um não está nem falando mais; o outro morreu — Sílvio, bom jornalista.

V.A.- Sílvio e o resto do nome?

C.R.- O resto não sei, não. Esse rapaz, bom jornalista, Sílvio não sei de quê. Morreu faz pouco tempo.

I.F.- E o senhor escrevia sobre o que no jornal?

C.R.- Eu sempre escrevi só sobre Volta Redonda e siderúrgica — quer dizer, comentando aquele negócio todo. Mas não era constante, não, porque eu não tinha condição de manter coluna. Eu escrevia mais como se fosse carta do leitor, mais ou menos assim.

V.A.- E o senhor, quando fez a sua formação, na escola no Espírito Santo, no Liceu de Artes e Ofícios no Rio, o senhor não estudou nada de siderúrgica, e aqui o senhor aprendeu. Como foi esse aprendizado? Foi com o tempo?

C.R.- Com o tempo, é. Com a prática.

V.A.- Porque o senhor tinha que saber o que era, quais eram os materiais... Tudo era uma novidade para o senhor.

C.R.- E mesmo eu estudando... Hulha... Mesmo que estudasse na faculdade, aquilo entrava na gente: hulha é um carvão comum, nem sabia o que eram essas matérias-primas, o minério, como é que se divide o minério... Naquele tempo, primeiro, nem tinha siderúrgica no Brasil; nem tinha. Então, essa parte... Foi boa pergunta porque, realmente, eu fui conhecer isso em Volta Redonda, saber o que significa, qual o valor que teriam os equipamentos...

I.F.- Aprendeu tudo isso.

C.R.- Aprendi.

V.A.- Aqui em Volta Redonda tinha alguma espécie de palestras ou ensinamentos para as pessoas saberem o que era siderúrgica? Porque tinha muitas pessoas trabalhando aqui na construção — para elas saberem que significado tinha... Ou não?

C.R.- Apesar de a Escola Técnica ser ultraprática, se havia era só lá — mas para eles, para o pessoal da Siderúrgica e da usina. Para nós, vamos dizer, a população da CSN, eu nunca vi isso — esse negócio de palestra, nem nada, não.

I.F.- Vocês aprenderam e deram valor vendo aquilo ali?

C.R.- É. Só mais tarde a companhia começou a aceitar essas partes assim de cultura. Nós dizíamos que isso era água-com-açúcar, essas coisinhas: “Aprender o quê? Palestra sobre siderúrgica? Isso é água-com-açúcar”. Tinha que aprender lá.

I.F.- Tinha que aprender com a mão na massa mesmo.

C.R.- Com a mão na massa. Mais tarde vieram outras pessoas, outras formas de pensamento, e chegaram à conclusão de que todo mundo tinha que saber o que estava fazendo. A companhia criou uma linha que se chamava NEO, linha de engenharia, ensinando como é tinha que fazer na parte... Mesmo o engenheiro. Aí começou já a especializar; não tinha antes.

I.F.- O senhor nos disse, no começo da entrevista, que gostaria de falar muito sobre o papel dos estrangeiros, dos americanos aqui. Qual era o contato que o senhor tinha com eles?

C.R.- Eu falei que nós tínhamos as letras AE, AA... Depois, mais tarde, a companhia mudou para S, por exemplo... Não, tem mais uma letra; por exemplo, SO: Superintendente de Operações. Criou-se esse cargo para um engenheiro, engenheiro *mister* Kord. Ele é inglês, *mister* Kord. Esse camarada, esse cidadão, foi um elemento propulsor da construção da usina na parte técnica, ele era responsável por tudo quanto era... A construção da usina tem que ser separada em duas coisas: construção civil é a construção que levanta parede, e a construção técnica é a construção dos equipamentos: para que serve determinado equipamento, o que ele vai ser no futuro, aciaria, coqueria, laminação... isso tinha que ser altamente gabaritado para que se soubesse para quê... Então ele não se envolvia na parte de construção, construção civil — construção civil é telha, aquele negócio. Ele então veio contratado para criar isso em Volta Redonda e foi um homem muito exigente, de muito valor para a Siderúrgica.

V.A.- Quando foi isso, o senhor tem idéia?

C.R.- A partir de 43, a partir de 43.

V.A.- Que foi criado então esse cargo...

C.R.- Esses cargos, que foram cargos para...

V.A.- Especialmente para esse *mister* Kord.

C.R.- Esse SO, superintendente... Essa sigla ficou até criar outra. Mas ele foi embora com outro no lugar dele com a mesma condição de continuar a Siderúrgica — esse se chamava... Mais tarde veio o coronel Pena no lugar dele — todos com a mesma função, esse negócio todo. Mas o primeiro nesse caso foi o *mister* Kord. E ele era responsável também pelos americanos. A companhia contratou... calculo que tenham sido 70 ou 80 americanos. Eles vinham... Americanos engenheiros brancos, iguaizinhos aos nossos operários — engenheiros daqueles lá nos Estados Unidos, onde, como aqui, tem engenheiros que só sabem trabalhar, são burraldos mesmo, apesar de ter cultura. Tem uns camaradas danados, e eram daqueles brabos mesmo. Então esses americanos trabalharam muito, não tinham hora para nada. A companhia dava, se eles viessem com a família, casa. Casa sempre perto da usina, aqui na rua 21, pertinho, por aqui. No Hotel Bela Vista, que é em um bairro residencial superior, Laranjal — lá tem residência— todos os americanos ganharam casa lá, podiam morar no Hotel Bela Vista se eles quisessem também. Então a companhia deu tudo para eles, eles tiveram tudo: boas residências, podiam trazer a família, tudo, carro — eles tinham carro... A companhia deu tudo. E esses americanos trabalhavam, sou testemunha, trabalhavam dia e noite, não tinham hora para nada. Tinha um ou outro... Tinha um que ficava só embriagado, mas mandou-se embora. Mas essa parte de disciplina não interessa. E eu não vi se dar valor... Eu não me recordo dos nomes deles, eu tinha o nome de um... Maravilhosos, trabalhavam tremendamente. A função principal deles: levantar a parte técnica da usina para poder juntar

laminação com coqueria, com aciaria e sair o aço lá. E eles fizeram com perfeição. E eles tiveram também — é isso que eu quero dizer, não sei falar — esses americanos pegaram um terço dos operários, um terço... Porque a companhia também trouxe operários especializados e mandou operários para os Estados Unidos, engenheiros nossos com prática, e os americanos vieram, os operários nossos começaram a trabalhar com eles. Eu acho que só falei a parte do arigó: operários que vieram, que nunca viram siderúrgica, nunca viram nem cidade, nunca viram nem automóvel, em 1942, 43, esses homens vieram.

V.A.- De onde que vinham?

C.R.- Minas Gerais, grande quantidade — aqui quase todo o mundo é mineiro. Vinham caminhões e mais caminhões, diariamente chegavam três ou quatro caminhões, diariamente, durante muitos anos assim. Tinha lugar para eles aí.

V.A.- Nós lemos que eles eram assim arregimentados nesses lugares como se fossem meio... à moda militar ou como rebanhos.

C.R.- É, rebanho.

V.A.- Rebanho, eles vinham assim?

C.R.- É. Eles vinham, todos eles. Era caminhão, aqueles carros grandes com lona, aquele varal assim, e lona, vinha tudo apertado ali. Chegavam aí e perguntavam: “Onde é que tem vaga?” Aí punham nesses alojamentos nossos, ficavam lá, jogados lá, mas já chegavam trabalhando. Quando era arrebanhado lá, já era empregado. Foi um arrebanhamento muito bom que a Siderúrgica fez, porque já eram empregados lá, já estavam empregados na Siderúrgica. Alguns nem ficavam, não tinham jeito, e esses nem cidade eles conheciam. Essa parte é muito relevante e esses americanos vieram

para aqui, por isso que eu falo: ninguém fala sobre o americano e eu não sei contar essa história. Eu queria explicar, mas não tenho o nome deles.

V.A.- O senhor sabe contar sim, o senhor está contando.

C.R.- Então esses americanos pegaram, trabalharam... Muitos americanos ignorantes, mas técnicos demais na peça — ignorância no falar. Eles pegaram assim a nossa turma, 70% tudo analfabeto, analfabeto que nem falar como gente eles sabiam. Eles pegaram esse pessoal, transformaram esse pessoal analfabeto nos melhores técnicos da América Latina. Então eu às vezes conversava com os americanos aí, ia na casa deles, gostavam muito de mim porque eu sempre fui uma pessoa educada, e eles diziam assim: “Célio...” — não falavam bem português, não; falavam mal, falavam português como eu falava inglês com eles. “Nós nunca vimos nos Estados Unidos um operário ser técnico como o brasileiro é. Porque nos Estados Unidos nenhum operário entra para a fábrica sem ter ginásio — naquele tempo era ginásio —, nenhum entra sem ter ginásio; aqui nem professores eles conhecem e tem técnico maravilhoso aqui.” Eles se entusiasmavam demais. O grande percentual do nosso operário, dos nossos técnicos famosos procurados pela Usiminas, pelas firmas que foram se formando, começou sem saber nada. Tanto que, se conversar com algum deles, pedir a carteira profissional, aquele negócio todo, vai ver lá onível de educação deles, de estudos, era ou zero ou primário. E eles se transformaram em técnicos respeitáveis em toda a parte aí, na América Latina. Eu fico muito orgulhoso com isso. Eu acredito que, se eles foram pegos assim porque eles foram... Porque os americanos eram brabos também; eram — não sei, a palavra não é brabo, não — exigentes demais, muito exigentes. Mandavam fazer tarefas quase impossíveis e não queriam nem saber. E eles...

V.A.- Mas então isso também era muito do brasileiro, porque, se lá nos Estados Unidos...

C.R.- Jamais eles poderiam.

V.A.- Então o brasileiro é que se adaptou.

C.R.- O brasileiro é uma coisa fora de série! E os elogios que eles faziam! Tanto que eles levaram alguns para lá, levaram para os Estados Unidos.

V.A.- Levaram para os Estados Unidos?

C.R.- Muita gente daqui foi para lá com eles.

V.A.- E quando é que eles saíram daqui?

C.R.- Eles devem ter saído daqui mais ou menos em 1950, em 1952.

V.A.- Não foi no período da guerra, não.

C.R.- Depois da guerra, depois da guerra.

V.A.- Depois que acabou a guerra eles ainda ficaram?

C.R.- Ficaram até entregar o contrato, porque eles assinaram um contrato com a Siderúrgica, a firma deles eu tenho a impressão que era a...

V.A.- A McKee, não é?

C.R.- Não, antes da McKee. Tem a McKee, tem uma outra... da McKee era o *mister* Kord. Era a...

I.F.- United States Steel?²

C.R.- Era a United States Steel, é, essas duas. Mais tarde veio a japonesa para cá. Mas aí terminou o contrato com eles, foram embora todos eles, acho que não ficou nenhum em Volta Redonda.

I.F.- Mas a maior quantidade mesmo era da McKee, não é?

C.R.- É possível. Eu não procurava saber assim, eu conversava com o americano, mas não sabia se era McKee se era a outra, entendeu? Eu acredito que a McKee foi a responsável pela parte da usina, tenho a impressão.

I.F.- É, eles fizeram um contrato para entregar até onde?

C.R.- Toda a usina, até o final, aqui na fundição.

I.F.- Até começar a funcionar. Em 1946 começou a funcionar.

C.R.- Tinha americano aqui ainda.

I.F.- E ainda continuaram...

C.R.- É, mas aí eles já estavam... já era mais por consideração da companhia. Eles ficaram aqui, mas já podiam ir embora, o contrato já tinha encerrado. Mas foi muito bonito o começo da companhia por causa dessa parte dos americanos e muito especialmente do brasileiro. Essa parte que eu queria só alertar.

V.A.- O senhor tinha comentado um incêndio no início da nossa entrevista. Como foi esse incêndio no escritório central?

C.R.- Foi muito triste.

V.A.- Foi quando? O senhor se lembra?

C.R.- Pois é, não sei, eu acredito que foi entre 50...

V.A.- Mais ou menos.

C.R.- 50 e 52. Em 52... Ele começou à noite no escritório central. O escritório central era muito grande, era todo ele de madeira, e ele...

² Não deve ser a United States Steel, talvez a General Electric.

I.F.- Qual a rua?

V.A.- Ele era aqui onde era hoje o escritório central, não?

C.R.- Não, não.

V.A.- Ele ficava onde?

C.R.- Ele era do lado de lá da linha. O escritório central hoje fica do lado de cá da linha férrea. Ele era do lado de lá da linha. A senhora sabe onde tem o nosso restaurante atual lá?

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A.- Estamos falando de onde ficava o escritório central.

C.R.- Hoje tem a passarela. A passarela vai para a usina, dobra à esquerda, a uns 30 metros. O escritório central começava ali e terminava lá perto da laminação — quase um quilômetro. Tinha uns departamentos, tudo era muito grande no escritório central, e o incêndio começou exatamente no meio do escritório central. Ele começou, veio bombeiro, aquele negócio todo, eu não sei por que eu não estava lá. Quando eu cheguei lá até me assustei a...

V.A.- Isso foi em 52 mais ou menos?

C.R.- A companhia já tinha colocado o alambrado, difícil de transpor, e, quando os operários da usina viram aquilo — foi até muito bonito eles contando, eles foram obrigados a arrebentar. Eles trouxeram máquinas, arrebentaram os alambrados para poderem ajudar os bombeiros. Então a companhia perdeu metade do escritório central, ficou metade de um lado e metade do outro. A parte que ela perdeu foi a parte do diretor industrial, do presidente — nós que pertencíamos à direção industrial —, serviços de rádios... Meu Deus! Não tinha telex, não tinha xerox, faziam contratos com cópias, não podia errar, tinha que fazer novamente, que coisa triste: “Quero cinco cópias desse negócio.” Aí tinha que bater cinco cópias sem erro... Meu Deus do céu, a gente sofria pra burro! Hoje é uma beleza. Então perdeu tudo isso. Quando eu cheguei de manhã, cheguei às seis horas, 6:10h, a hora em que eu chegava normalmente, aí a polícia estava na passagem superior, não deixava ninguém entrar, e uma pessoa lá, um guarda, vendo eu chegar, falou para o outro que lá na frente não deixava ninguém entrar: “Ei, esse aí pode entrar, esse pode entrar.” — aqueles que eles sabiam que tinham cargos de confiança. Aí eu entrei, não sabia o que era, fui ver. Ih, menina... O meu chefe naquela ocasião era o engenheiro Aparício, faleceu recentemente — Aparício Rodrigues da Cunha, também outra figura de nome na Siderúrgica. Aparício Rodrigues da Cunha, faleceu recentemente. Ele chegou até a chorar, não tinha mais nada, não tinha sala, não tinha nada! Perdemos um espaço enorme, tudo perdido, documentação...

I.F.- Esse escritório central que o senhor está contando que pegou fogo é o primeiro escritório central?

C.R.- O primeiro escritório central, ele foi crescendo.

I.F.- Era como se fosse uma casa mesmo, tinha uma escada na frente — eu vi uma fotografia.

C.R.- Era uma escadinha, tudo de madeira, ele foi crescendo.

I.F.- Não era na avenida Amaral Peixoto, não?

C.R.- Não, senhora. Amaral Peixoto não era do meu tempo, começou o escritório lá em um prédio que era prédio do correio. O prédio eu conheço, quer dizer, eu conhecia — é onde tem um banco hoje, o Banespa, tem esse banco lá, nesse prédio. Mas eu não conhecia como [inaudível] da companhia, não; conhecia, tinha umas pessoas lá, mas eu não sabia.

I.F.- Que eu vi uma fotografia que era uma casa assim...

C.R.- É, lá na Amaral Peixoto.

I.F.- Com uma escada...

C.R.- É, esse então era na Amaral Peixoto.

I.F.- Esse é o primeiro de todos.

C.R.- É, esse é. Isso em 39, 40, quando começou aquela comissão a vir para cá. Que não tinha como ficar por aqui, aqui era mato, aqui era mato, tudinho, tudinho. Quando eu vim para aqui, do escritório central para a gente vir para a Vila, a gente passava no meio de um capinzal de mais de um metro de altura. Então tinha aquela trilha, a gente passava no meio, não via pessoas, não via ninguém. Atravessava a linha e ia... E na Vila tinha um senhor — o filho dele vive até hoje aí —, ele tinha um bar, tinha bilhar, tinha tudo. então ele ganhou dinheiro para burro, só tinha ele na Vila, entendeu?

I.F.- Toda diversão era lá, então?

C.R.- É, tudo lá; era tudo lá. Munir.

V.A.- Munir?

C.R.- É. Um dos primeiros a vir para Volta Redonda, muito antes de mim.

V.A.- E o senhor, então, nesse escritório central perdeu um monte de documentos.

C.R.- Perdi tudo mesmo.

V.A.- Como foi isso? Quais eram os documentos que o senhor tinha guardado lá?

C.R.- Só consegui salvar parte do jornal *O Lingote*, você conhece?

V.A.- Não.

C.R.- Estive quase trazendo, sabe? É grande, tem essa parte que foi perdida — talvez por ali eu possa até ver a data do incêndio, não é? Porque eu fiquei sem *O Lingote...* Hoje a companhia tem umas revistas, uns livros de capa grossa, umas revistas que não são tipo jornal como era antigamente. Perdemos tudo lá, a documentação toda, Eu tinha, nas minhas mesas, nas minhas gavetas, tinha as coisas que eu tomava nota, como reminiscência: por que eu saí de Cachoeiro, o que houve comigo? Eu ia escrevendo... E também sobre a Siderúrgica — um fato qualquer, esse caso dessa empilhadeira e tem outros casos. Eu lembro, na morte do Getúlio eu anotei direitinho, porque eu era antigetulista.

I.F.- Mas o senhor estava elogiando aí a ditadura, dizendo que é tão bom, como é que o senhor...

C.R.- Eu era antigetulista. Não, porque ele era formidável... Eu não acreditava naquele negócio que faziam assim, porque a... Ele era um gozador danado, o Getúlio era um gozador danado, nunca ninguém quis matá-lo de ódio. Então eu achava graça, ele ia na Escola de Estado-Maior, e o povo todo, aquele negócio todo, e eu falei: “Esse cara é um gozador, sabe?” Então ditadura mesmo, no duro mesmo, não é só por ser ditador, não; é porque achava que esse pessoal assim não sofreu tanto como fala que sofreu, só quero dizer isso. A ditadura foi ruim sim, mas...

I.F.- Por que Getúlio era um gozador?

C.R.- Ah, ele levava tudo na farra danada, ele levava tudo na farra.

V.A.- E o senhor era antigetulista por quê?

C.R.- Porque eu não gostava da maneira que o Brasil era dirigido, a corrupção, as escolhas, aquele negócio todo... [inaudível] mais jovem. Depois eu vi que eu é que estou errado, está tudo certo na vida; mas na época eu era...

V.A.- Agora, o senhor guardava isso lá no escritório central, mas a morte do Getúlio foi em 54 e, se isso também pegou fogo, essas suas reminiscências, quer dizer que o incêndio foi depois de 54.

C.R.- Só pode ter sido depois de 54. Minha memória é falha. [inaudível] aí não quis mais tomar nota de nada.

V.A.- Não quis mais tomar nota, perdeu tudo?

C.R.- Tudo, perdi...

I.F.- E o que o senhor anotou lá sobre a morte do Getúlio? Conta para a gente.

C.R.- Não, do Getúlio não tenho nada.

V.A.- Não? O senhor não anotou lá sobre a morte do Getúlio?

C.R.- Não. Eu só queria falar sobretudo isso: que quando ele faleceu ninguém podia ser antigetulista em Volta Redonda.

V.A.- Ah, está certo.

C.R.- A cidade mais getulista do mundo foi aqui. E o povo saiu pelas ruas até armado.

V.A.- Armado?

C.R.- É! Quem dissesse mal levava tiro.

V.A.- É mesmo!?

C.R.- É, todo o pessoal aqui era. A cidade chorou, mas chorou profusamente! Eu saí de lá, da minha casa, e fui para o escritório. Fiquei no escritório três dias, porque não foi ninguém trabalhar. Então foi o presidente que estava lá — não sei quem era o presidente mais, não me recordo — tinha o secretário, que se chamava, faleceu também, sr. Luís Nogueira Bastos, ficamos com alguns engenheiros lá e procurando resolver os casos. Não, não foi no incêndio, não! Então ele morreu antes do incêndio, nós tínhamos o serviço de rádio lá.

V.A.- Então. Então o incêndio foi depois de 54.

C.R.- Foi depois de 54. Nós tínhamos o serviço de rádio, nós a toda hora estávamos na rádio, falando lá, aquele negócio todo, e foi uma choradeira geral. Eu fiquei lá uns dois, três dias. Depois que a companhia começou a trabalhar, antes não podia, não, se não ia ter encrenca lá, o pessoal apaixonado.

V.A.- Sei. E o senhor não podia falar mal do Getúlio nem um pouquinho?

C.R.- Ninguém tinha coragem. Mas eu sempre fui um camarada mais de Fluminense Futebol Clube: me conhecem como torcedor. Torcedor, mexia com os outros — não sou de usar camisa, fanático, não, mas eu gosto é de gozação, de brincadeiras. Então sempre fui assim. Na política, a pessoa quando conhece um certo... Mesmo aqui na Associação não me manifesto, entendeu?

V.A.- Hoje, na nossa entrevista, o senhor estava falando que a CSN era boa até um certo ponto, depois começou entrar política e ficou ruim. Como foi isso? Começou entrar política aqui na própria CSN?

C.R.- Talvez até minha memória vá falhar aí, talvez a minha contradição, eu não tenho condição de consertar essa contradição. Então eu comecei a achar ruim... A companhia trabalhava exclusivamente para a companhia e para o país, todo mundo trabalhava com um amor danado. De uma hora para a outra, vou até dizer a época, faleceu determinada pessoa [inaudível] e entrou o Costa e Silva. Foi depois de Getúlio?

I.F.- Foi bem depois.

C.R.- Entrou o Costa e Silva. Nós começamos a notar que os cargos técnicos, os cargos com os melhores engenheiros nossos — estou defendendo engenheiro, não estou me

defendendo não — começaram a ser preenchidos por parentes dos Costa e Silvas da vida. Então chegavam pessoas, aboletavam as salas, aquele negócio todo, não trabalhavam, mandavam... Eu me aborrecia muito, porque eu era apaixonado pela Siderúrgica, e daí em diante foi essa agonia. Então eu escrevia no jornal pedindo pelo amor de Deus, rezando para que não morra presidente da República, fique o que estava para o resto da vida: pelo menos não virão para a Siderúrgica os parentes do outro que entrar. Não pensava no Brasil, pensava na Siderúrgica. Cada presidente que saía...

V.A.- Botava os parentes?

C.R.- Todo mundo novo para cá, e foi enchendo, foi enchendo... Se enchesse de operário...

V.A.- Puseram e não saíam?

C.R.- Não sai! Não saíam, não!

V.A.- Entravam e não saíam, então ia enchendo?

C.R.- É. Encheu, encheu, e eu escrevia no jornal, pedia pelo amor de Deus para deixar o presidente que está, seja quem for! Porque eu não olhava para o Brasil, olhava para a Siderúrgica. A senhora imagina que... Vamos dizer, esse Costa e Silva trouxe um cidadão para aqui, muito bom sujeito, ele tinha todas as regalias aqui no escritório central, tinha carro à disposição dele no Hotel Bela Vista, um bom sujeito, educadíssimo, fino, boa cultura, mas não fazia nada. Então esse camarada tinha a... Porque era parente de uma dessas pessoas, ficava lá, assumia um cargo de uma pessoa que era um engenheiro, um médico, eu sei lá. Assumiu esse cargo, aí acabou esse reinado, entrou outro presidente. No outro dia mandou outro no lugar desse rapaz, desse cidadão. Esse cidadão ficou na outra seção, mas não foi mandado embora — um salário bom daquele, não saía. Então outro presidente entrou, aquele saiu, entrou, mas não era um cargo, não, eram 12 ou 15 cargos — só cargo bom; operário, não, operário não servia para a situação. Então eu me queixava disso, que a companhia perdeu essa parte de estatal. Foi nessa época, exatamente dessa época para cá, porque antes os presidentes da República deixavam a Companhia por conta... por exemplo, do Macedo Soares. Acabou, ninguém se metia com o Macedo Soares, ninguém se metia com o Macedo Soares. Depois do Macedo Soares veio outro presidente só da Siderúrgica. Aí, não, aí começaram pessoas de fora... Chegou a colocar um tal de Juvenal Osório, um fazendeiro aí, Juvenal Osório. Trouxeram um sujeito, eu não sei o nome, um coronel que veio lá de São Paulo, nem nunca tinha ouvido falar em metalurgia nem nada, que chega a presidente da Companhia Siderúrgica! Aqui a gente tinha paixão, é isso que eu falo para a senhora. A parte de estatal piorou, foi desmilingüindo, desmilingüindo, me causava uma tristeza danada.

I.F.- O senhor conheceu bem o general Edmundo de Macedo Soares?

C.R.- Bastante, esse eu conheci, um coronel, coronel Macedo Soares. Era um sujeito rigoroso, muito, eu achava ele muito justo. Pleiteava-se alguma coisa, ele ia falar com a pessoa pessoalmente, não é? O Macedo Soares não era daqueles camaradas que mandava secretário falar; quer falar com ele, ia falar com ele e falava. Naturalmente que sempre teve aquele rigor de hierarquia, de fila. Por exemplo: se eu chego para falar com

ele hoje, primeiro tem que ver os outros que estão na fila se já foram atendidos, isso era rigoroso mesmo. Mas ele atendia qualquer um, falava, conversava com as pessoas — naquele tempo se chamava de arigó — como se estivesse conversando com os colegas dele, conhecia quase todo mundo.

I.F.- E ele morou aqui bem no comecinho, não é?

C.R.- Muito tempo! Morou. O lugar em que ele morou se chamava fazenda, a entrada era cicuta, até hoje tem um prédio lá. Ele morou muitos anos, ele, a família dele toda, os filhos dele, esse negócio todo.

I.F.- E depois, o senhor teve contato... Aí o presidente era o Guilherme Guinle, não é? Ele vinha...

C.R.- Esse eu não peguei, não é do meu tempo, não.

I.F.- Não vinha aqui, não?

C.R.- Não, eu não peguei. Guilherme Guinle deve ser de 41, assim que a... Ele era da comissão.

I.F.- Aí depois então veio o coronel Raulino...

C.R.- Não. Para mim o primeiro foi o Macedo Soares. Como presidente, não sei.

I.F.- Mas o Macedo Soares não foi presidente, não. Depois do Guinle...

C.R.- Foi o Raulino?

I.F.- Foi o Raulino.

C.R.- É? Pensei que fosse o contrário. É, o Raulino, também um bom presidente. Na minha opinião, eu achava ele meio ausente, meio ausente de Volta Redonda. Eu não quero tirar o valor dele como presidente da companhia, mas, como apaixonado pela companhia, eu queria sempre aqui dentro, sentindo aqui. Mas o Raulino, acho que foi ele quem chorou na morte daquele pessoal que eu falei aí, acho que foi o Raulino, ele se acostumou aqui também.

V.A.- E aí na época do Raulino quem era diretor industrial era o engenheiro Renato Azevedo.

C.R.- Eu acho que era o coronel Ciro... Será que é Azevedo? Primeiro foi o Ciro, depois foi o Azevedo.

V.A.- Nós estamos com o livro aqui.

C.R.- É bom ver, eu tenho a impressão que primeiro foi o coronel Ciro, depois foi o Azevedo, o Azevedinho, engenheiro Azevedo. Ele teve aqui na associação um dia desses, engenheiro Azevedo: Renato Frota Rodrigues de Azevedo.

V.A.- É, esse.

C.R.- É bom ver, é bom ver isso, porque o Guinle, quando eu cheguei aqui, não era mais. O Guinle, eu gostava dele porque ele era tricolor, um dos fundadores do Fluminense. [risos]

I.F.- E o senhor jogava futebol aqui?

C.R.- Não, senhora.

I.F.- Porque aqui teve, logo no começo...

C.R.- Já tinha, tinha campeonato. Eu comecei comentando aqui campeonatos maravilhosos que nós tínhamos aqui no campo do Recreio... Não era o campo do Recreio, não; era um campinho que tinha aí, mas a população toda vinha assistir, aí já acabou.

V.A.- Primeiro foi o Paulo César Martins.

C.R.- Ah, o Paulo César Martins, esse eu citei aqui, que eu achava ele... Por acaso eu botei aqui: Paulo Martins, Paulo César Martins. Foi um camarada também... Só não era, assim, brutamente; era um sujeito educado, gente muito fina, engenheiro, eu tenho a impressão até que fosse aqui de Volta Redonda. Esse foi o primeiro diretor.

V.A.- Diretor industrial.

C.R.- É, Paulo César Martins, está certo Depois veio...

V.A.- Depois o diretor industrial foi o coronel Ciro.

C.R.- Coronel Ciro. Depois é que pode ter vindo o...

V.A.- Depois é que veio o engenheiro Renato.

C.R.- Agora vê os outros depois disso aí, vê só que não é gente nem aqui de Volta Redonda. A senhora pode ler?

V.A.- Posso.

C.R.- Não tem problema, não; é gente que nem é de Volta Redonda.

V.A.- O engenheiro diretor industrial depois do dr. Renato foi...

C.R.- Não é nem daqui, quer ver?

V.A.- Aí foi o Ciro de novo. Industrial só, não é? Mauro Mariano.

C.R.- Ah, esse também é da usina, está certo.

V.A.- É, todos os industriais: Antônio Carlos Gonçalves Pena.

C.R.- É, foi o primeiro superintendente de operações.

V.A.- Ademar Pinto.

C.R.- Esse já começou de fora. Ele era vice-presidente, ele veio a ser diretor industrial?³

V.A.- Ele foi diretor industrial, Ademar Pinto.

P.R.- Morreu em Nova York, esse Ademar Pinto.

I.F.- O que o senhor anotou aqui — Oscar Weinschek?

C.R.- Eu achava que ele é que era presidente. Não foi ele?

I.F.- Não.

C.R.- Então ele era vice-presidente.

V.A.- Ele foi vice-presidente do Raulino.

C.R.- É. Então, eu me lembro dele, porque nós tínhamos contato com ele pelo rádio.

V.A.- Ele foi diretor comercial do Guinle também.

C.R.- Nós tínhamos contato pelo rádio com a equipe dele lá. É, Raulino de Oliveira. E aí entrou esse Osório, Juvenal Osório. Para mim os principais eram... Quer dizer, como pessoas que eu me referi aqui, são as pessoas...

I.F.- E esse Ely Coutinho o que era?

C.R.- Bom. Ely Coutinho... Eu queria... Esse cidadão, por algum motivo, não fala comigo, não fala comigo. Eu não sei por quê. Mas eu queria indicar que, se eu não souber informar assim as coisas da usina, ele é um dos mais antigos da usina siderúrgica, ele tem um grande conhecimento. Se a senhora quisesse ouvir, pudesse: Ely Coutinho.

V.A.- Ele foi o quê?

C.R.- Ele deve ter sido chefe [inaudível]. É um cidadão... Não sei qual é a escolaridade dele: se era daquela que ninguém sabia nada, ou não sei se ele já veio formado. Eu sei que não tem curso superior. Mas garanto que é de grande valor para a informação sobre a formação da Companhia Siderúrgica.

V.A.- Ah, que bom.

C.R.- Ely Coutinho.

V.A.- E ele não fala com o senhor por quê?

³ Ademar Pinto foi diretor industrial em 1971 e em 1974 foi nomeado presidente.

C.R.- Não. Deixou de falar comigo, não sei. Se pudesse ouvir outro cidadão, esse se chama Cílio Bastos. O Cílio Bastos — depois eu vou contar a história dele —era projetista, ele não pode se comparar ao Ely [inaudível]. O Ely não pode se comparar a ele no que ele é. O Cílio Bastos foi projetista; então é o homem talvez que mais conhece embaixo da Siderúrgica, o chão, embaixo, porque ele fez todo o projeto de toda a tubulação da Siderúrgica, tudo o que passa aqui, floresceu — se é que isso floresce — foi ele que fez embaixo lá. Então ele conhece a usina siderúrgica, ele pode não querer falar, mas ele conhece a usina siderúrgica, mas muito, toda, e a equipe dele toda. Eles trabalharam... Primeiro faz lá embaixo, depois põe o cimento, aquele negócio todo, a tubulação toda, o fornecimento de qualquer coisa. Ele era o projetista, Cílio Bastos. Esse mora em um lugar simples, esse Ely mora na rua 18, logo aqui, mas eu não sei...

I.F.- Depois a gente entra em contato.

C.R.- Ely Coutinho tenho informações que ele...

V.A.- A gente teria que ver depois os telefones deles...

C.R.- É. Todos os dois tem lá no catálogo, eu posso dar, no catálogo é fácil. Então já fiz a... Eu queria só alertar o caso do pessoal americano e o pessoal nosso, nossos técnicos, que talvez sejam poucos os casos no mundo em que tenham pegado pessoas completamente fora do ramo, e transformaram essas pessoas em grandes técnicos. Hoje a usina siderúrgica é famosa em toda a América Latina, mas só pode dever a esse pessoal analfabeto, entendeu? Só queria lembrar. [inaudível] durante a guerra, a falta de comunicação, responsabilidade da entrega do material...

I.F.- E o senhor então ficou trabalhando lá no escritório a vida toda?

C.R.- A vida toda.

I.F.- E quando é que o senhor resolveu se aposentar? Por quê?

C.R.- Eu podia ter ficado mais tempo, mas aí eu não estava satisfeito com o andamento da companhia, achei melhor aposentar, porque eu achei que estava ficando velho e podia morrer do coração, esse negócio todo, aí aposentei.

I.F.- Em que ano?

C.R.- 72.

V.A.- O senhor tinha muito aborrecimento, aí ficou com medo de morrer do coração?

C.R.- Não, eu achei que a companhia estava fazendo... Não, o coração, não; eu estou com 84 anos...

V.A.- Porque o senhor tinha muito aborrecimento, aí ficou com medo?

C.R.- Essas coisas, não sei nem explicar. A gente... Eu vou chegar lá.

V.A.- Sim.

C.R.- Eu era apaixonado pela Siderúrgica, então eu achei que ela não estava fazendo — Siderúrgica que eu falo é essa minha seção — não estava fazendo aquilo que eu queria que a companhia fizesse. Certos rigores... Então estava havendo certo relaxamento, o mando estava saindo, estava uma pessoa mandando mais do que a outra... Por exemplo, não vou dizer o chefe, o meu chefe hierarquicamente era superior a um outro; o outro ia lá e mandava, e eu me aborrecia com isso, então não vou obedecer a um camarada que não tem nada com isso. Aí peguei, achei melhor: “Vou sair de bem com a companhia.”, Aí me aposentei. Saí limpo, com todos eles, nunca eles souberam que eu tinha... Às vezes falam assim... Por exemplo, o Itamar Franco. Como é que eu pensei desse cidadão, não falo o nome dele, vou dizer assim, estou de mal com ele, não falo com ele, mas sempre falei e tudo, mas eles não sabem. Sobre Itamar Franco eu falei assim... Apareceram na minha conta esse mês quatro cobranças para Juiz de Fora, para onde eu não falo, não telefono. quer dizer, aí eu falei com a telefonista: “Primeiro: eu sou de mal com Itamar Franco, não falo com ele.” Mas o Itamar Franco jamais saberá que eu fiquei de mal com ele, é assim, esse caso. Então eu saí da companhia em 72, porque eu achava que eu ia me aborrecer, mas eu podia ter ficado mais tempo, tinha saúde muito boa graças a Deus.

I.F.- Aí o senhor aposentou-se pelo INSS?

C.R.- É, INSS.

I.F.- E tem alguma complementação pela companhia?

C.R.- Eu ganho hoje seis salários mínimos, passo uma vida desgraçada, mas... Não compro nada fiado, não tenho nada, só isso: seis salários mínimos.

V.A.- Mas não tinha uma caixa de aposentadoria?

C.R.- Essa tem, mas não é salário, essa é uma complementação que a companhia dá; eu ganho nela dois salários.

V.A.- Pela complementação?

C.R.- É. Pela CSN e não pelo INSS.

V.A.- Além dos seis salários, ou...

C.R.- Seis.

V.A.- Seis salários mais dois?

C.R.- E mais dois, mas a companhia pode cortar de uma hora para a outra, não se compromete. No ano passado ela já quis cortar, a Siderúrgica — ela quer acabar com esse negócio do CBF, então não tem garantia, mas eu estou recebendo dois salários.

I.F.- E o senhor nunca mais trabalhou em mais nada?

C.R.- Não. Eu tentei, fui chamado para organizar um escritório de uma firma aí, mas eu achei... Fui trabalhar em uma firma chamada Certec.

V.A.- Certec?

C.R.- Certec. Era de um engenheiro, que me ofereceu várias vantagens, e eu fui para lá. Tinha carro zero quilômetro, fui trabalhar com ele.

V.A.- Onde?

C.R.- Aqui em um bairro que se chama Califórnia, que quer pertencer a Volta Redonda, mas pertence a Barra do Piraí. Esse homem fez a fábrica lá, fiquei lá uns seis meses sem receber nada e os operários também não recebiam. Aí um dia se aborreceram, estragaram todo o meu carro, eu dizia: “Puxa! Eu não sou nada aqui na firma.” Estragaram o meu carro e, quando foi um belo dia em uma época de Semana Santa... Esse cidadão devia a todo mundo no comércio e tudo, ele fornecia estrutura metálica para a Siderúrgica, podia ter ganho dinheiro à beça esse camarada — engenheiro maluco lá do Rio de Janeiro. Um dia nós saímos na sexta-feira...

I.F.- Qual era o nome dele?

C.R.- Eu só sei que é Alexandre. Família importante lá da Tijuca na época. Aí ele mandou uma frota de carretas, foi lá na fábrica e levou tudo. Quando nós fomos trabalhar na segunda-feira não tinha nada lá. Nós fizemos passeata lá em Barra do Piraí contra ele, mas não deu em nada, ficou assim mesmo. Aí perdemos tudo. Então resolvi não trabalhar mais. Aí fui chamado para... Um colega meu queria que eu entrasse para fundar a Associação de Aposentados de Volta Redonda. Eu não queria não, tanto que o meu nome consta bem mais tarde, só deixei botar meu nome lá um ou dois anos depois, mas ajudei desde que ela iniciou.

V.A.- Quando foi que ela iniciou?

C.R.- Ah, tem... Pelo livro da associação há divergência de onde é que ela iniciou: se foi aqui, se foi em Barra Mansa, isso eu não estou a par. Eu estou a par mesmo daquilo que eu considero o início dela, quando eu entrei, porque quando eu comecei a tomar conta foi em 1973.

V.A.- 73.

C.R.- Em 72 eu estava lá dentro, mas não fazia parte dela, não queria. Em 73 começamos a entrar, aí eu fui eleito presidente, aí começamos a fazer força.

V.A.- O senhor foi presidente da Associação dos Aposentados?

C.R.- Fui presidente na época, de 73 até 75.

I.F.- Mas aí pelo menos o senhor se ocupa, está em contato...

C.R.- Até hoje venho aqui.

I.F.- Isso é bom.

C.R.- É.

I.F.- Distração, se sente útil fazendo as coisas.

V.A.- Agora sr. Célio, quando foi que o escritório central mudou aqui para a Vila — é aqui que ele fica agora, não é? Porque antes ele era dentro da usina; aí, depois daquele incêndio, ele continuou dentro da usina?

C.R.- Continuou dentro da usina.

V.A.- Construíram a parte...

C.R.- Nessa altura começaram a fazer esse escritório aqui.

I.F.- Esse prédio grande?

C.R.- Esse prédio grande. Em 72.

I.F.- Esse prédio se chama Edmundo Macedo Soares, não é isso?

C.R.- É, mas não chamava, não. Fiquei admirado quando li esse nome no jornal. Onde é esse escritório Edmundo Macedo Soares? Não sabia onde era. A Siderúrgica faz e eu não sei de nada, mas aí fui verificar que é esse. Eu saí em 72, mais ou menos uns oito anos antes... — 64, não é? Em, 64, será?

V.A.- Antes era sempre dentro da usina.

C.R.- Não sei se viemos para cá em 64 ou 66. A nossa seção foi uma das primeiras a entrar no escritório central.

I.F.- É um prédio bonito.

C.R.- É bonito. E também achavam ruim, tem 13 ou 16 andares, uma porção de andares vazios. Aquilo me doía! Meu Deus do céu, que besteira a companhia fazer um troço desse! Achava que ela devia fazer como em toda parte do mundo: Estados Unidos, Japão, todos os países que podem, são ricos, eles fazem um prédio desse e os espaços vazios eles alugam ou vendem. E nós ficamos com tudo aceso aí, o dia inteiro, 13 ou 16 andares, seis ou oito andares completamente desocupados, como deve estar até hoje. Eu tenho a impressão que hoje tem firma aí alugando, eu tenho a impressão, alugando os andares, que pode perfeitamente alugar. Então na época eu ficava horrorizado; foram muitos anos assim.

I.F.- E o que o senhor diz de quando começou a haver o sindicato funcionando aqui em Volta Redonda, o sindicato dos metalúrgicos? Foi bom para os funcionários? Como foi isso?

C.R.- Eu me dou bem com o sindicato, com o presidente, com todos eles, mas na minha visão o sindicato sempre foi péssimo. Toda ocasião em que o sindicato procurou um

direito para o operário, ele obteve esse direito e perdeu muita coisa depois disso — demissões, esse negócio todo. Então eu gosto mais de falar da Siderúrgica, sabe? Vamos dizer, a Siderúrgica criou em 1948 esse prêmio que se chamava girafa na época.

V.A.- Quando foi?

C.R.- 1948. Ela criou esse prêmio em que dava um salário para cada empregado, desde que ele tivesse mais de seis meses de casa. Dava um salário, dava proporcional ao tempo da pessoa, e criou-se com o nome de girafa porque, além desse salário, ela tinha aqueles QIs que ela dava. Por exemplo: eu ganhava mil reais — um exemplo, porque eu acho que eu nunca consegui ganhar isso na minha vida —, ganhava mil reais, ela dava cinco mil para uma pessoa, cinco mil para outra, eram aqueles que tinham a sorte de ultrapassar, ela sempre fez isso.

V.A.- Esses QIs que o senhor diz é “quem indicou”?

C.R.- É, “quem indica.” Então apareciam pessoas que ganhavam mais do que a gente, aí começamos a chamar de girafa. A gente ganhava um bicho que eu não sei qual é, e os outros ganhavam girafa. Mas nós nunca reclamamos deles ganharem. Mas então a vinda do sindicato... Eu tenho a impressão que o sindicato não serve. Eu não posso dizer, porque o sindicato realmente nunca teve problemas com a Siderúrgica. Só houve um problema do sindicato com a Siderúrgica quando entrou a CUT e um cidadão que tinha aí com o nome de Juarez Antunes, que fez aquela greve em que mataram aqueles três.

V.A.- Os três operários?

C.R.- Não, não: três patetas.

V.A.- Três patetas?

C.R.- É. Porque esse Juarez era um camarada que sabia fomentar uma greve e uma guerra. Na ocasião houve, eu estava até... Eu, aposentado, fiquei em um posto de gasolina vendo eles tentando invadir a usina. Invadindo o meu coração, a usina é minha vida! Eu pensava: não tem razão para invadir a usina, a Siderúrgica sempre foi... [inaudível] faz uma coisa contra, se conversar direitinho, esse é meu raciocínio, ela chega, ela chega. E foi um bocado de política mesmo. Então eles invadiram a usina. Na época todo mundo dizia na rua — hoje talvez não falem — na época todo o mundo com quem nós estávamos conversando dizia que tinha um grupo de guerrilheiros da Nicarágua — aqueles craques nisso, vivem disso, trouxeram para cá. Então o que se passou na época, eu dei plena razão, é que eles entraram na usina, esses guerrilheiros e tudo, enfrentaram, eles enfrentaram o Exército... Porque as primeiras coisas, quem jogou troço de incendiar em cima do Exército foram eles. O primeiro tiro do Exército para eles foi... esqueci a palavra... Festim, não é?

V.A.- Festim.

C.R.- Festim. É, trabalhei no Exército, mas simplesmente esqueci. É festim. Mas o Exército não deu para matar. Então esses guerrilheiros e esse camarada que fomentou a guerra, não houve nada com eles, não tiveram um ferimento. Os que morreram foram três patetas: três operários da usina que se meteram a acompanhar; dos outros, dos

técnicos, não morreu nenhum — os técnicos da fomentação — nem esse Juarez que fomentou tudo, o principal, devia ser preso. Morreram três, aí fizeram um monumento, aí esse monumento não foi para a frente porque ninguém deu valor, porque viu que com os responsáveis mesmo não aconteceu nada, aconteceu isso com eles... Então eu não tenho condição de falar sobre sindicato, não.

I.F.- Agora me conte uma coisa, vamos falar de coisas boas: as grandes comemorações que teve aqui, inauguração do alto-forno 1, o senhor ia, participava, tinha muita festa, como era?

C.R.- Eu sempre fui, mas não participava, porque eu nunca fui convidado. Assim, eu assistia, com todo o amor, eu assistia. Primeiro, antes do alto-forno, foi a aciaria, a primeira, que foi uma festa — acho que até o presidente da República eu tenho a impressão que veio. Foi um orgulho para nós, começamos a fazer aquele aço que ia fazer o definitivo, não é? E depois outras inaugurações, sempre houve. Mas eu acompanhava, sim. E a companhia sempre fez almoço na data de aniversário dela, sempre fez almoço para todos os empregados dela e extensivo a determinados aposentados — para não encher demais — mas ela sempre convidou. Eu sempre participei das festas da companhia.

[FINAL DA FITA 2-A]

C.R.- Tanto que quando eu falei da...

V.A.- Nunca se arrependeu.

C.R.- É, nunca me arrependi. Tanto que quando falei sobre a Associação dos Aposentados, que eu entrei para lá, e nós lá gostávamos tanto da Siderúrgica que nossa associação foi fundada assim, as primeiras palavras foram essas: Associação de Aposentados Industriários da CSN. Nós queríamos fazer uma associação só da CSN. Mais tarde chegou-se à conclusão que não podia, então a associação cresceu mais, aquele negócio todo. Eu gostava muito da Companhia Siderúrgica. Isso que a senhora me perguntou: nunca me arrependi de ter vindo para a Siderúrgica, apesar de que eu achava que alguém... alguém me desse valor assim... Não queria valor de aparecer em jornal, não; queria valor em dinheiro, precisava muito de dinheiro. Minha mulher foi operada muitas vezes, meu dinheiro foi todo com doença, mas jamais os meus chefes reconheceram em mim, e também nunca pedi nem nada... E a vida é assim mesmo: algumas pessoas têm sorte, outras... Não é que eu não tenha sorte, achava que merecia, eu, mas isso são coisas do convencimento da gente. Mas sempre o que eu fiz foi pensando na companhia.

V.A.- Agora, o senhor não tinha assistência médica aqui do hospital? O senhor teve que pagar as operações, como foi isso?

C.R.- É, tudo tem um limite.

V.A.- A CSN não dava hospital?

C.R.- A CSN dava, mas há determinadas operações que nós tivemos que fazer que não tinha médico em Volta Redonda. Por exemplo: a primeira operação que ela fez, foi

obrigada a fazer com um médico que a companhia não pagou, dr. Portugal, muito conhecido no Brasil naquela época e no mundo. Fez, não deu certo, mas era particular. Mas a companhia... Não se pode falar sobre esse ponto, a companhia sempre ajudou a gente, sempre.

V.A.- Mas ela não pagava quando não tinha médico...

C.R.- Não. Acho que em 99% ela pagava, só em um caso excepcional assim — esse meu caso que ela não pagou. Mas ela colocou tudo à minha disposição, ambulância, não se pode falar da Siderúrgica. Especialmente pessoas do passado, que ela vivia mais para o empregado do que hoje.

V.A.- Agora uma coisa que nós reparamos também é que dentro da Siderúrgica o trabalho é muito perigoso, pelo menos nos lugares que nós visitamos. O senhor sabe como era naquela época, apesar de o senhor trabalhar no escritório? Essa parte de proteção, as pessoas que trabalhavam no alto-forno tinham roupas adequadas, como era isso? O senhor tem conhecimento?

C.R.- Posso garantir que tinha. Existia uma seção que era muito exigente, eu me lembro que passava... Nós tínhamos algumas reuniões às vezes lá, e as pessoas iam falar conosco. A comissão se chamava CIPA — acho que é universal, CIPA — e os chefes eram muitos exigentes e traziam os nossos empregados com punições se não estivessem enquadrados dentro do que o código estabelecia para o equipamento em que iam trabalhar. Esses acidentes que estão ocorrendo... Porque no meu tempo não ocorriam acidentes assim, já falei, não é? Com gente da Siderúrgica, dificilmente. Então, quando acontece, eu procuro ver se ele é empregado da companhia — até agora tem sido de empreiteira.

V.A.- Mas esse acidente horrível que aconteceu, aquele que o senhor falou...?

C.R.- Ah, não, esse foi da Siderúrgica, mas esse foi imprevisível: eles estavam todos em uma... Aí não tinha jeito. Capacete não evita um troço desse de maneira nenhuma, foi violentíssimo. A alta tensão estava indo para a fundição, acho que não foi desleixo, não. A companhia era muito rigorosa nessa parte de CIPA. Não sei como é que está.

V.A.- E a gente também reparou que é um trabalho muito masculino lá dentro, que tinha poucas mulheres. Já soubemos que as únicas mulheres que trabalhavam dentro da usina, era as que cuidavam da...

I.F.- Do controle de qualidade.

V.A.- Do controle de qualidade.

C.R.- Eu não sei informar. Eu acho um serviço muito bruto ali para mulher, não sei.

V.A.- No escritório tinha mulheres trabalhando,? Como era no início no escritório central?

C.R.- Sempre teve muitas mulheres.

V.A.- Muitas?

C.R.- Sempre teve meio a meio, muita mulher; nunca houve discriminação, não.

V.A.- De secretária?

C.R.- Trabalhavam de tudo. Tanto que lá onde eu trabalhava, o departamento de compras, era exatamente subordinado à minha chefia. Então o departamento de compras tinha exatamente 50% homens e mulheres, para comprador, para tudo.

V.A.- E outra coisa: o senhor comentou que no início ia para Barra Mansa, para o baile, tudo. Como foi a emancipação política de Volta Redonda, quando Volta Redonda virou município? Isso foi em 54, o senhor lembra?

C.R.- Em 54? Não foi antes não?

V.A.- Não, foi em 1954. Como foi, mudou alguma coisa para a vida da cidade?

C.R.- Primeiramente após a emancipação... Porque havia uma equipe encarregada de pegar assinaturas, aquele negócio todo, dizendo que nós iríamos emancipar, porque nós não tínhamos esgotos, não tínhamos água, não tínhamos nada garantido aqui. Tinha na Siderúrgica, mas Volta Redonda em si não tinha.

V.A.- O senhor, que morava em um terreno da Siderúrgica, tinha.

C.R.- Ah, tinha tudo. Eu não precisava assinar isso, porque eu tinha tudo! Mas nós sempre consideramos a Siderúrgica uma coisa, a prefeitura outra coisa, e nós, como gostávamos daqui, queríamos... Nós, que assinamos esse documento de emancipação, queríamos que a cidade fosse Volta Redonda mesmo, com prefeitura, entendeu? Então imediatamente após passar o projeto que transformava em lei, escolhido o prefeito que eu não sei quem foi, [inaudível] vereadores, a cidade mudou da água para o vinho, apareceu logo serviço de esgoto, apareceu calçamento de ruas e apareceu um lugar, o Aterrado... O Aterrado não seria o Aterrado... A gente ia ao Aeroclube e era um perigo, era chão, aquele negócio todo. O dono do Aterrado todinho, um terreno enorme, o dono era Sávio Gama, que veio a ser, parece, presidente da companhia.⁴ É um dos fundadores daqui de Volta Redonda. Então Sávio Gama colocou à venda aqueles terrenos — eu não comprei, hoje é um bairro famoso aí, Aterrado — colocou a maior galinha-morta do mundo, um preço bem baixo mesmo, assim que se transformou em prefeitura. Assim que nós nos emancipamos foi calçado aquilo tudo, começou a levantar casa, uma transformação. E aquela ponte de ferro, aquele negócio de arame...

I.F.- Pênsil?

C.R.- Tipo ponte pênsil. Primeiramente fez-se uma ponte de concreto, tem lá até hoje, e apareceu uma cidade que não existia que se chama Retiro — enorme! Retiro é uma cidade, tem muitos supermercados lá, tudo isso... Foi da água para o vinho: imediatamente após sair o projeto, Volta Redonda mudou completamente. Aí sim: CSN

⁴ Sávio Cota de Almeida Gama foi o primeiro prefeito de Volta Redonda (6/2/1955 a 31/1/1959), diretor de coordenação da CSN (1982 a 19/12/1983) e diretor de serviços sociais da CSN (12/12/1983 a 29/4/1985).

de um lado, Volta Redonda do outro. Antes era só Siderúrgica. A senhora queria médico, era Siderúrgica; queria uma coisa, era Siderúrgica; ambulância, Siderúrgica; tudo, tudo. Depois começou: “Não, agora isso é com a prefeitura. Isso aí é com a CSN.”

I.F.- Agora me diga uma coisa: o senhor falou que logo que o senhor veio para cá, comida não precisava comprar...

C.R.- Não pagava nada na CSN, era vale.

I.F.- Agora também disse que a CSN tinha uns armazéns que descontavam do salário.

C.R.- Tinha.

I.F.- Funcionava direitinho?

C.R.- Funcionava. Subsistência, não é?

I.F.- É.

C.R.- É, tudo direitinho lá.

I.F.- Até quando o senhor usou isso? Quando o senhor começou a fazer compra em supermercado?

C.R.- Supermercado começou a aparecer só em... depois da promulgação desse negócio. Durante alguns anos a companhia manteve, depois ela se desfez desses armazéns e estimulou para que se organizassem as cooperativas. Fizeram-se cooperativas em Volta Redonda, usadas durante uns seis ou oito anos. Com o crescimento da cidade, as cooperativas foram acabando, porque não tinha mais razão — elas não podiam enfrentar um supermercado. Começou logo a vir para cá a Casas da Banha que, naquela ocasião, oferecia muitas vantagens. Então as cooperativas acabaram. A Siderúrgica manteve a subsistência muitos anos para atender casos da usina, mas também acabou.

V.A.- E roupas, essas coisas, onde é que se comprava?

C.R.- No comércio tinha. A gente ia em Barra Mansa, era comum a gente comprar roupas para cá, era comum a gente ir ao Rio de Janeiro. Comprava camisas, calças no Rio de Janeiro; depois, mais tarde, aqui teve condições — aqui ou Barra Mansa — mas a maioria ia para o Rio.

I.F.- No começo quando o senhor veio para cá, além de ser durante a guerra, não tinha transporte, não tinha gasolina. O senhor disse que usava a bicicleta... Como é que foi melhorando o transporte, como é que era o sistema de ônibus aqui? Nós já vimos que o táxi funciona muito bem, mas eu quero saber o transporte mais popular, como é que era? Que no começo não tinha, era só bicicleta.

C.R.- Eu queria primeiro falar sobre transporte ferroviário. Passava, para o Rio de Janeiro um trem que devia passar em Volta Redonda às duas horas da manhã para ir para o Rio — que nós íamos muito ao Rio. E ele passava com seis, oito horas de atraso todo dia. Então a pessoa não podia cumprir horário, cumprir as coisas que fazia na

usina, e criaram um, partindo de Barra Mansa, mas quem criou foi Volta Redonda — um trem que se chamava Arigó. Esse trem só levava, não trazia. Saía sábado ao meio-dia daqui para o Rio de Janeiro — tinha que comprar passagem antes, mas a maioria não pagava passagem, ninguém pagava passagem daqui ao Rio.

V.A.- Por que não pagava passagem?

C.R.- Safadeza, molecagem, entendeu? O camarada achava ruim, brigava, mas ninguém pagava. Era como essa falta de critério do passageiro, era como um... O próprio condutor sabia disso, às vezes pegava uma gorjeta... Mas então tinha esse trem para resolver o caso no Rio de Janeiro — porque não se falava nem em viajar para São Paulo porque era difícil, muito demorado.

V.A.- Ele saía daqui ao meio-dia no sábado, chegava no Rio a que horas?

C.R.- Conforme o dia, eram quatro horas daqui ao Rio, quatro, cinco horas. Mas às vezes chegava às nove horas da noite. Por exemplo: eu fui assistir ao jogo, à estréia do Brasil no campeonato do mundo, saiu daqui às onze e meia.

I.F.- Em 1950?

C.R.- 50. Ia ver [inaudível] que o Brasil perdeu. Então nós saímos daqui, eu com a minha família, saímos daqui às onze e meia, porque o trem ia chegar lá mais cedo para a gente assistir aos jogos lá. Saímos, quando chegamos em Pinheiral, pertinho daqui, não tinha, só não tinha outra alternativa... Parou pertinho daqui, não tinha outro jeito de ir. Aí ficamos lá, saímos de lá eram quatro horas, cheguei às nove horas da noite no Rio; não vi jogo, não vi nada. Mas era assim: não tinha nenhuma garantia antigamente. Quanto aos ônibus, havia um ônibus muito conhecido, qualquer pessoa que for antiga sabe — talvez se esse Ely for vivo, ele sabe muito mais do que eu — o ônibus se chamava José de Matos. José de Matos foi o primeiro a fazer esse sistema de transporte de passageiro em Volta Redonda. Ele era de Barra Mansa e fez — uma passagem perigosa, difícil. Aí tinha um ônibus que ia lá, pegava aqui, e ia fazer esse serviço.

I.F.- Dentro da cidade?

C.R.- Dentro da cidade, para transportar. A pessoa tinha transporte com hora certa, só sabia que aquele ônibus passava: José de Matos. Mais tarde é que veio para cá a Viação Agulhas Negras ou Cidade do Aço, uma dessas duas, não sei se é a mesma. Aí começou a melhorar, mas melhorou mesmo a situação do pessoal de Volta Redonda — Barra Mansa é outro caminho — quando inauguraram uma estrada, essa que passa na rua 209 para ir ao Rio. Porque a senhora vai ao Rio por duas maneiras aqui: uma pela Tancredo Neves, passando pela [inaudível], e outra por aqui, ao lado da usina entra à esquerda em um córrego que tem ali, se chama rua 207, para sair na Presidente Dutra. Essa foi a primeira que inaugurou. Depois que inaugurou essa estrada, aí pronto: essa cidade começou a ter os primeiros ônibus, para condução ao Rio criaram o ônibus, e criaram uma... que levava oito ou dez passageiros, tinha um nome assim, esse carro...

I.F.- Jardineira?

C.R.- Jardineira — criaram. Então esse era ótimo. Me levava, me trazia várias vezes ao Rio de Janeiro.

I.F.- E o transporte interno, dentro da cidade?

C.R.- Esse começou a aparecer só depois de... Realmente começou a aparecer com a inauguração dessa estrada, mas antes era só o Zé de Matos.

I.F.- E bicicleta?

C.R.- Todo mundo de bicicleta! Todo mundo de bicicleta, era uma beleza! Como a senhora vê em Santa Catarina, vê naquelas fotografias, saindo das fábricas — aqui era assim. A cidade era cheia de ciclovias, aqui era cheio, até em Volta Redonda tinha ciclovia para bicicleta. Todo mundo tinha bicicleta! Todo mundo na rua: engenheiros, muitos engenheiros da companhia famosos, hoje, iam de bicicleta para a companhia. O transporte pessoal era esse.

V.A.- E a escola ? Tinha bastante escola no começo, como era isso?

C.R.- À proporção que nós fomos nos desvencilhando de Barra Mansa foram aparecendo as escolas. A Escola Técnica... Logo em seguida apareceu o colégio muito famoso em Volta Redonda que é o Nossa Senhora do Rosário, apareceu logo em seguida. O Rosário, eu tenho a impressão que quem trouxe para cá foi o sr. Paulo Mendes — até anotei o nome dele aqui, Paulo Monteiro Mendes, médico. Eu tenho a impressão que foi ele. E o colégio Macedo Soares que hoje é MV1. O Macedo Soares é notório, porque foi também incentivo da CSN. Fez tudo! Inclusive os primeiros padres que vieram dirigir aqui, trazidos pela Companhia Siderúrgica.

V.A.- Era gratuito, esse colégio para...

C.R.- Sempre foi gratuito.

V.A.- A sua filha estudou onde?

C.R.- Nossa Senhora do Rosário — aí era pago. Coisa muito fácil, pagamento fácil, acessível — o Macedo Soares era também muito bom colégio, até hoje é bom colégio —, só que era só para mulheres. Hoje é misto.

V.A.- O senhor preparou essa entrevista, não é, seu Célio?

C.R.- É, preparei em casa.

V.A.- Tomou nota. Tudo o que o senhor tiver para falar com a gente o senhor fala.

C.R.- Não, eu acho que não tem mais nada, não.

V.A.- Não? Não tem mais nada aí, não?

C.R.- Não. Tem que puxar pela minha memória, senão não vai, não.

I.F.- Foi muito bom, gostamos muito.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

V.A.- [gravando simultaneamente em vídeo] Estamos fazendo entrevista com o sr. Célio Ramos, no dia 10 de dezembro de 1998, na Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda.

I.F.- Eu gostaria, sr. Célio, que o senhor comentasse sobre o que o senhor pensa de Volta Redonda para o senhor e para o Brasil, sobre a importância que elas têm, Volta Redonda e CSN.

C.R.- A pergunta é boa, porque Volta Redonda para mim é acima do Brasil. Eu sempre falo para as pessoas que quem mora aqui tem orgulho de não ouvir dizer que prefeito, que Siderúrgica, que outras autoridades são corruptas. Não se ouve isso em Volta Redonda. Estamos cansados de ler e ouvir de outros setores do Brasil que é uma corrupção, que o INSS fez isso, fez aquilo... Em Volta Redonda, nunca ouvi. Ouvi a respeito de corrupção do INSS, mas foi em Barra Mansa; aqui eu não ouvi, apesar de eu saber que tem, mas a gente se orgulha. Então Volta Redonda é um orgulho para todo mundo que nasce aqui. Eu até aconselho a minha filha a sempre permanecer em Volta Redonda. Há determinadas inseguranças da vida da gente, mas essas inseguranças existem em toda parte do mundo. A gente anda na rua sem preocupação, esse negócio todo, mas acontecer um assalto, um roubo, isso acontece em toda parte. Então sobre essa parte de Volta Redonda e de Siderúrgica, eu acho que a população é muito feliz.

I.F.- E para o Brasil, a CSN? A importância da CSN para o Brasil?

C.R.- Também acho muito importante na parte econômica especialmente, porque o tributo que a Siderúrgica paga, que são os impostos, acho que são muitos merecidos, e o governo só tem a ganhar com isso. Quando a companhia era estatal, o municipal, a prefeitura nossa de Volta Redonda, não recebia nada, e muito menos o federal. Hoje a prefeitura de Volta Redonda recebe o dinheiro, porque, quando era estatal, a Companhia não pagava em dinheiro — os impostos são muitos — a companhia pagava em troca: dava material para a prefeitura. Hoje, não; hoje ela pagando à prefeitura, automaticamente melhora o Brasil, porque é menos uma importância que o Congresso precisa mandar para Volta Redonda. Ela não precisa se queixar dessa parte de dinheiro que falta, porque a companhia sustenta dois, três milhões por mês, acredito, de impostos em geral.

I.F.- O senhor me disse que nunca se arrependeu de ter vindo para cá, para trabalhar na CSN.

C.R.- Não, nunca me arrependi, especialmente na Siderúrgica, na Companhia Siderúrgica — sempre fui muito feliz aqui, não me arrependi.

V.A.- Qual a importância da Siderúrgica na sua vida e na vida do Brasil? Na história do Brasil, qual a importância da Siderúrgica?

C.R.- A importância é primordial. É primordial, na minha vida, na vida do Brasil, e porque para mim o progresso começou no Brasil com a Siderúrgica Nacional. Antes o

Brasil tinha o progresso aleatório, com a Siderúrgica o brasileiro começou a compreender a parte de industrialização, da produção, começou a caprichar mais, a trabalhar mais. Fabricando mais, o Brasil tem esse dinheiro, essa quantia. Então a Siderúrgica é importantíssima na minha vida e para o Brasil também, que eu acho.

I.F.- Então muito obrigada sr. Célio. Foi um prazer, o senhor ajudou muito, aprendemos muita coisa com o senhor, quero agradecer muito.

C.R.- Pena a minha memória, a minha memória está meio...

[FINAL DE DEPOIMENTO]